

A REENCARNAÇÃO

Nº 424-ANOLXIX

Diretor

Udo Schüller

Redação

Marilene Huff

Valdete Santos da Cruz

João Paulo Lacerda

Revisão

Valdete Santos da Cruz

Jornalista Responsável

João Paulo Lacerda (DRT/RS 4044)

Produção Gráfica



Redação e Administração

Av. Desembargador André da Rocha, 49

Fone/Fax: (51) 3224.1493

Porto Alegre -RS- CEP 90050-161-Brasil

reencarnacao@fergs.com.br

Esta revista está registrada no C.R.C. (Dec. nº 24776, Art. 5º, item 1) sob o nº 211.185, cadastro nº 458/p nº 209/73 do D.C.D.P.

Fundada em julho de 1934 por Oscar Breyer (seu primeiro diretor) sendo presidente da FERGS Ildefonso da Silva Dias

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA
DO RIO GRANDE DO SUL**
<http://www.fergs.com.br>

CONSELHO EXECUTIVO

Presidente

Jason de Camargo

1ª Vice-Presidente

Gladis Pedersen de Oliveira

2ª Vice-Presidente

Valdete Santos da Cruz

Departamento Doutrinário

João Felício

Departamento de Assuntos da Família

Marilene Huff

Departamento da Infância e Juventude

Vilma Darde Ruiz

Departamento de Comunicação

Udo Schüller

Livraria Espírita Francisco Spinelli

Elmira Maria Pelufo

Departamento de Pesquisas e Estudo

Nilton Stamm Andrade

Departamento de Assistência e

Promoção Social Espírita

Eber Waner Borges Rosa

Assessor Geral

Seldon Fritz Hofmann

1ª Secretária

Celina Correa Córdova

2ª Secretária

Marion Hemb

1º Tesoureiro

Lauro Varela

2º Tesoureiro

Erico Seus

Sumário

Editorial	04
Departamento de Assuntos da Família: Abrangência e Importância	05
<i>Marilene Huff</i>	
A Evangelização Espírita Infanto-juvenil	07
<i>Vilma Darde Ruiz</i>	
A Estreita Relação entre o DAPSE e o DAFA	09
<i>Cicélia Porto de Deus</i>	
Um olhar sobre a pós-modernidade	11
<i>Jerri Roberto S. de Almeida</i>	
O resgate do idoso no plano social e familiar	14
<i>Gelson Luis Roberto</i>	
Consequências emocionais nos filhos da separação dos pais	18
<i>Sérgio Luís da Silva Lopes</i>	
Influenciação Espiritual sutil na infância	22
A Família Espírita e a Adoção	24
<i>Marco Antonio P. dos Santos</i>	
Família X Televisão: É possível conviver?	26
<i>Renata Gonçalves</i>	
“Senhor, que quereis que eu faça”	28
<i>Cecília Rocha</i>	
Família e Escola: A Busca por uma Interação	30
<i>Gladis Pedersen de Oliveira</i>	
Conflitos intra-familiares	33
<i>Nelso Gonçalves</i>	

A família foi instituída para ser a escola primeira da evolução gregária dos seres. O sentimento de família já aparece no seio dos animais quando se aglutinam visando a própria conservação ou nos afetos maternos que enriquecem as suas crias de proteção e carinho. A história demonstra que o desenvolvimento da raça humana tem na família o seu pilar maior de sustentação. Tanto é verdade que os espíritos angélicos nunca prescindiram do núcleo familiar para atingirem o grau mental em que se encontram. O próprio Cristo, inclusive, nasceu silenciosamente sob a tutela de Maria e José, de onde partiu para estabelecer os mais elevados códigos éticos de comportamento humano. Com isso, fica bem claro que a família transcende a razão dos homens porque se estrutura a partir de uma lógica espiritual que verte por determinação superior e que se consubstancia nos verbos *proteger* e *educar*.

A proteção dos filhos não se restringe apenas na alimentação e moradia, mas também, nos cuidados com a sua saúde física e mental e nos procedimentos necessários para que o lar disponha de um clima de alegria, de respeito e de afeto. Proteger significa, ainda, envolver a família por inteiro nas doces vibrações de paz e de bondade. A família, assim, estará mais protegida quando houver as claridades da

moral cristã em todos os seus membros.

É consenso entre os educadores que não existe evolução sem educação e que a finalidade maior da educação familiar é a produção de uma consciência reta. A educação, dessa forma, está inserida nos cânones familiares como um processo de aperfeiçoamento contínuo entre todos os membros do lar. Pais e filhos encontram-se na mesma escola e todos são passíveis de aprimoramento espiritual. Todos são educandos e educadores e todos aprendem uns com os outros nas experiências do cotidiano. A educação moral proclamada por Allan Kardec deverá ser a tônica maior do conjunto familiar para que os nossos filhos não sejam educados pelo mundo. Será aí no lar que crianças e jovens ouvirão falar de Jesus com dignidade e aprenderão os primeiros passos da fraternidade entre os seus pares. Não podemos perder de vista que a meta final do processo educativo é produzir um estado de amorização em todos os seres da criação e que será por esse caminho que a felicidade chegará aos lares da Terra. Será, ainda, via educação que obteremos a consciência das leis superiores da vida, e a fiel observância das mesmas é que plenificará o ser humano aonde ele estiver.

A mensagem espírita virá em socorro dos pais para que eles

possam entender melhor os membros de sua família: os desajustes, as aversões, os comportamentos intempestivos e toda essa gama de acontecimentos que ocorrem no próprio lar. Conseguirão compreender as causas das doenças físicas e psicológicas apresentadas pelos seus amados ou, então, das tendências naturais para as atividades de futuro. Verificarão que o conglomerado familiar é fruto de um planejamento prévio e que cada um receberá a reencarnação que merece. De posse de todas essas informações os pais saberão escolher os melhores caminhos para o seu lar e terão um senso de responsabilidade mais pronunciado na condução do barco familiar.

Os valores do ensino espírita apontam para o futuro da humanidade. Eles serão os elementos balisadores da família do terceiro milênio. Por isso, devemos aproveitar tudo o que pudermos do Espiritismo para que estejamos educando segundo uma didática espírita e um conteúdo programático de elevado nível. Uma educação baseada no conhecimento da imortalidade da alma, na reencarnação, na lei de causa e efeitos e nas leis morais redundará num progresso mais rápido e consistente para as famílias da Terra. Não desprezemos, portanto, esses ensinamentos enviados pela espiritualidade superior, sob a supervisão do Cristo, nas tarefas educativas das novas gerações.

O Departamento de Assuntos da Família da Federação Espírita do Rio Grande do Sul foi criado para auxiliar na condução dos processos educativos que visam a espiritualidade das famílias.

Departamento de Assuntos da Família: Abrangência e Importância

**Marilene Huff*

No 2º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, realizado em 03 de outubro de 1951, que teve como tema “Educação e Redenção”, foi apresentada a tese EVANGELIZAÇÃO DOS LARES, de autoria dos professores Cecília Rocha, Alba Saucedo, Dinah F. Fagundes e Hélio Burmeister.

A tese se desenvolveu em torno das seguintes idéias:

-O desequilíbrio reinante nos tempos presentes provém da carência de uma educação mais espiritualizada;

-A Educação Evangélica, à luz da Terceira Revelação, será a base da organização social do futuro;

-Os processos educativos terão de sofrer a influência substancial do Evangelho de Cristo;

-A Evangelização dos Lares torna-se imprescindível para uma organização social em que predomina a paz e a felicidade, visto ser a família a ‘célula-mater’ da sociedade;

-Como complemento indispensável à Evangelização dos Lares, impõe-se a Educação Evangélica das gerações novas, integrantes que são dos lares atuais, e estes futuros de novas famílias;

-Todo o movimento evangélico deve caracterizar-se pelo mais puro amor cristão, dentro dos salutare esclarecimentos do Espiritismo.

-O Evangelizador do Lar procurará, na personalidade excelsa do Cristo, o roteiro para o seu apostolado, esforçando-se, ainda, para adquirir o preparo técnico indispensável ao bom êxito de sua tarefa;

-Na obra evangelizadora dos lares, constituirão os órgãos de execução por excelência as Socieda-

des Espíritas;

-Ante a complexidade do trabalho de Educação Evangélica dos Lares, urge a organização de um serviço especializado, a fim de estimular e coordenar as atividades do movimento evangelizador.

Após um período de amadurecimento da idéia de evangelização da família, surge o Setor dos Lares, vinculado ao Departamento de Evangelização da Infância e Juventude.

No início da atividade, enfatizou-se as Caravanas de Visitação aos Lares, inspirada no trabalho de Francisco Cândido Xavier, em Uberaba. Após, foram ministrados Cursos e Simpósios para pais e noivos na Capital e no interior do Estado.

Em 1984, o Setor dos Lares foi desvinculado do Departamento de Infância e Juventude e transformou-se no Departamento de Assuntos da Família, devido à extensão da tarefa a ser desenvolvida no Movimento Espírita do Rio Grande do Sul.

Como Departamento, foram sendo estruturados os setores de atividades para o bom desempenho do DAFA: intensificou-se a divulgação da Campanha Permanente sobre a importância do Evangelho no Lar e das Caravanas de Visitação aos Lares; houve uma conscientização sobre a necessidade de um trabalho específico, dentro da Casa Espírita, direcionado aos pais, surgindo o Ciclo de Pais; percebeu-se que o idoso merecia, também, uma atenção especial, dentro da Casa Espírita, para ajudá-lo a ajustar-se às mudanças físicas, psíquicas, sociais e espirituais desta fase da vida, instituindo-se o Ciclo do Idoso.

Dentro desse contexto, precisamos salientar a figura do Dire-

tor do Departamento de Assuntos da Família do Centro Espírita que deve ser espírita e estar integrado em suas atividades, enfrentar desafios e assumir responsabilidades e, principalmente, estar consciente da importância que representa para o equilíbrio individual e social a evangelização da família.

E como nos alerta Martins Peralva no livro ‘Estudando o Evangelho’:

“Não basta, pois, evangelizar a criança nas instituições espíritas. É imprescindível que esta educação atinja os genitores ou responsáveis. O lar evangelizado dá à criança, na consciência, as firmes noções do cristianismo sentido e vivido”.

Allan Kardec mostrou sua preocupação em esclarecer os pais sobre sua tarefa no Lar, escrevendo na Revista Espírita de fevereiro de 1864 o seguinte: “Sendo os primeiros médicos da alma dos filhos, deveriam ser instruídos - não só de seus deveres, mas dos meios de os cumprirem”.

O Espírito Irmão X no livro “Lázaro Redivivo” coloca o seguinte:

“Em cada cidade do mundo pode haver um Pestalozzi que coopere na formação do caráter infantil, mas ninguém pode substituir os pais na esfera educativa do coração”.

O Ciclo de Pais tem o objetivo de valorizar a função educadora e regeneradora da família, através do programa de orientação, conscientizando os pais dos seus compromissos morais e espirituais para com os seus filhos.

Dentro do Ciclo de Pais pode surgir um grupo com atividade es-

**Diretora do DAFA/FERGS*

pecífica: Pais Gestantes, reunindo casais ou mulheres que pretendam passar ou estão passando pelo processo de gestação ou que pretendam adotar filhos. Conscientizar os pais gestantes sobre a importância da Gestação: tempo de espera, de preparação e de encontro com o espírito reencarnante.

O objetivo do Ciclo do Idoso é preparar o idoso para ajustar-se às mudanças físicas, psíquicas, sociais, familiares e espirituais, que ocorrem nesta etapa da vida, e conscientizá-lo de que viver bem a velhice é responsabilidade pessoal e está diretamente ligado ao desejo de ter uma vida social ativa e produtiva.

Maria Aparecida Valente no livro “O Idoso no Centro Espírita”, nos fala:

“É importante e necessário uma tomada de consciência e sensibilização da família, bem como do Centro Espírita, no sentido de atender ao espírito reencarnado na Terra, na fase da terceira idade, melhorando-lhe as condições e qualidade de vida.”

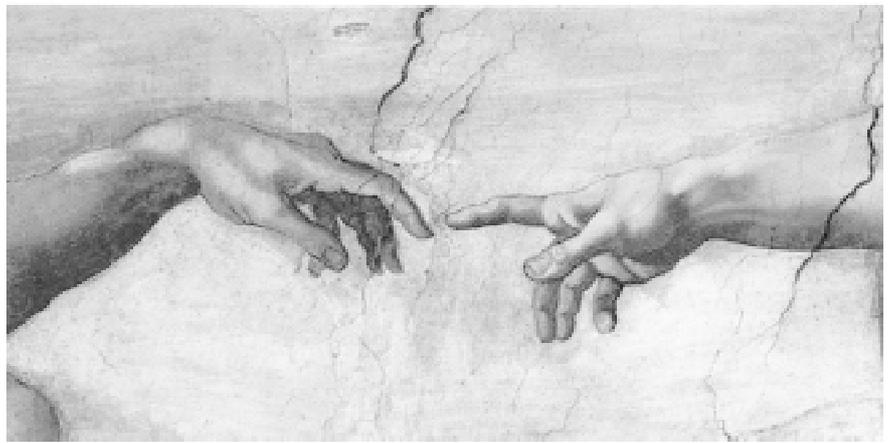
Compete ao setor de “Evangelho no Lar” difundir e orientar sobre importância da realização do Evangelho no Lar, através das campanhas permanentes de divulgação de material para a sua realização em maior número de lares, veiculando o roteiro de implantação e realização do mesmo.

Roteiro para a sua realização:

1 – Escolher um dia da semana e horário para a reunião com a família. A pontualidade e assiduidade são importantes pois os Mentores Espirituais se programam para dar assistência ao lar, nesse horário.

2 – Iniciar a reunião com uma prece.

3 – Ler um trecho de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” ou uma mensagem evangélica, como, por exemplo, as contidas em obras psicografadas por Francisco



Cândido Xavier: Pão Nosso, Caminho Verdade e Vida, Fonte Viva, Vinha de Luz, Livro da Esperança, etc...

4 – Tecer comentários sobre as idéias contidas na mensagem lida e a relação das mesmas com a nossa vida diária, estabelecendo um diálogo fraterno com o grupo familiar, buscando durante a semana a vivência do ensinamento recebido.

5 – Proferir prece de encerramento, rogando a Deus e a Jesus, proteção para o seu lar e para os demais lares.

6 – Pode-se colocar, no local da reunião, uma jarra de água, que será fluidificada espiritualmente, para ser servida no final da reunião.

7 – Evitar manifestações mediúnicas em casa; entretanto, se tal acontecer, procure orientação no Centro Espírita freqüentado pela família.

8 – A duração da reunião será de, aproximadamente, 20 a 30 minutos.

9 – Caso o lar receba visitas – no momento da reunião – convidar os visitantes a participar do evento.

10 – Quando houver crianças na casa, elas devem participar da reunião, mesmo que para isso seja necessário colocar, biscoitos ou

caramelos para distraí-los. Crianças de 3 anos de idade já podem participar, porque já compreendem histórias infantis, contidas na literatura espírita e que o pai ou a mãe podem ler para elas.

11 – Convidar os familiares para participarem do Evangelho, porque Jesus é o elo de ligação entre as pessoas. Se não conseguir cativá-los, não desanime! Faça o Evangelho sozinho, no silêncio do seu quarto.

12 – Pode acontecer, também, que por motivos alheios a sua vontade, não lhe seja possível estar em casa, no horário da reunião do Evangelho. Não se angustie. Onde estiver, eleve seu pensamento em prece e estará participando espiritualmente do evento que estará transcorrendo em seu lar.

A atividade de Caravanas de Visitação aos Lares para implantação do Evangelho no Lar representa verdadeira carta viva do Evangelho. É a “Boa Notícia” que bate à porta dos lares em dificuldades para ajudá-los. Façamos como nos aconselha Bezerra de Menezes:

“Auxiliemos a plantação do Cristianismo no santuário familiar, à luz da Doutrina Espírita, se desejamos efetivamente a sociedade aperfeiçoada no amanhã”.

Fonte Principal: Apostila Estrutura, Organização e Funcionamento do DAFA/ FERGS

OUTRAS FONTES BIBLIOGRAFICAS:

BARCELLOS, Walter. Aprendendo, amando e servindo. São Paulo, Jobemar, 2000.

NAZARETH, Joamar Zanolini. Um desafio chamado Família. 7.ed. Araguari, Minas, 2002

PERALVA, Martins. Estudando o Evangelho. 5.ed. Rio de Janeiro, FEB, 1987.

VALENTE, Maria Aparecida & RAMAZZINI, Elaine Curti. O idoso no Centro Espírita. 3.ed. São Paulo, USE, 2000.

A Evangelização Espírita Infanto-juvenil

**Vilma Darde Ruiz*

“Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devem fazê-los progredir. Nessa fase é que lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada que terão de dar contas “”. (L.E. questão 385)

É surpreendente saber que pais, inclusive espíritas, não se preocupam com a educação religiosa de seus filhos, deixando muitas vezes que eles cresçam para definir por si próprios a religião que desejam seguir.

O espírita convicto, que tem na Doutrina a norma de vida a orientar-lhe os passos em todas as direções, e que vislumbra, através do conhecimento Espírita, a necessidade de transformação da humanidade, não pode deixar de educar seus filhos sem levar em conta os princípios do Espiritismo que devem embasar a educação dos mesmos.

Temos conhecimento de que muitos pais espíritas não orientam seus filhos ao estudo da Doutrina Espírita, sob a alegação de não lhes cercear a liberdade de pensar, de escolher, deixando-lhes a decisão sobre religião a seguir na vida adulta. O resultado dessa atitude reflete-se, na maioria das vezes, no dia-a-dia da nossa sociedade, onde uma significativa quantidade de jovens, desligados de qualquer sentimento religioso, tem a cabeça voltada apenas para os prazeres terrenos, para as diversões muitas vezes extremadas, onde incentivados pelo álcool, tóxicos, sexo e violência, como forma de autoafirmação, tentam preencher o va-

zio causado pela falta de religiosidade.

A Espiritualidade Maior nos informa que o Espírito, encarnado na Terra, busca, de forma incessante, soluções para suas indagações: “De onde vim, quem sou e para onde vou?” Tais questionamentos ocupam sua mente muito mais do que imaginamos.

Os pais espíritas são sabedores de que seus filhos são Espíritos reencarnados, que podem ser tanto Espíritos de moral elevada, como Espíritos com inclinações ao vício, à maldade, às paixões, cujos defeitos lhes cumpre corrigi-los, para o que não devem poupar esforços, conscientes de que os pais são os depositários da confiança de Deus no encaminhamento dos Espíritos que retornam à vida terrena para progredir.

Os pais, detentores do conhecimento espírita, sabem da origem e da destinação das almas, da finalidade da reencarnação como meio de evolução intelecto-moral e da importância do Evangelho de Jesus, como o mais perfeito código de orientação moral. Daí, sua responsabilidade na educação daqueles Espíritos que recebem na condição de filhos, oferecendo-lhes a concepção religiosa e educacional apresentada pela Doutrina Espírita.

O movimento de Evangelização Espírita das novas gerações é de fundamental importância no processo de formação da criança, pois os vícios e tendências do caráter ainda se encontram adormecidos, constrangidos pelo envoltório infantil.

Após o renascer no lar terreno, inicia-se para o Espírito a sua primeira etapa de vida na Terra, ou seja, a primeira infância, época em que a criança está mais sensível

às sugestões dos pais para a formação de sua personalidade. Essa fase constitui o momento oportuno para desenvolver os conceitos de valores morais à luz dos ensinamentos do Cristo.

A Evangelização Espírita tem por finalidade levar às novas gerações o conteúdo do Evangelho de Jesus, interpretado à luz da Doutrina Espírita, de forma didática, para que seja possível a sua assimilação por parte das crianças e dos jovens.

Através desses ensinamentos, que levarão à felicidade verdadeira, os evangelizados atingirão os objetivos da Evangelização que é a integração do educando consigo mesmo, com o próximo e com Deus.

As crianças e os jovens, frequentando as aulas de Evangelização, estarão realizando um bom aprendizado da Doutrina Espírita, participando de experiências de aprendizagem capazes de levá-los a vivenciar os conhecimentos adquiridos.

A Evangelização Espírita Infanto-Juvenil é a transmissão do conhecimento espírita e da moral evangélica pregada por Jesus como está escrito no “O que é Evangelização ? (pág. 37, 1 ed. FEB). O trabalho da Evangelização, que consiste em aproximar às almas de Deus, proporcionando condições de desenvolver novas qualidades e poderes interiores, condições de aperfeiçoar-se, conquistando seu próprio futuro com base na mensagem de Jesus alicerçada pela Doutrina Espírita, desenvolve um programa ao longo do curso de EVANGELIZAÇÃO Infanto- Juvenil, que vai dos 3 aos 21 anos, oportunizando às crianças e aos jovens, através de uma metodologia adequada, o estudo

**Diretora do DIJ/FERGS*

Básico da Doutrina Espírita.

A evangelização não é como muitos pensam, apenas uma atividade complementar ou um momento em que as crianças são distraídas por pessoas de boa vontade para exercerem uma recreação, enquanto seus pais assistem ou atuam em outras atividades na Casa Espírita.

1. Os pais espíritas devem estar em alerta quanto ao seu papel frente a educação religiosa de seus filhos. Importante que estejam estimulados a encaminhá-los quanto antes às aulas de evangelização espírita. Emanuel em “O Consolador” nos diz “- a melhor fase de aprendizagem da criança é até aos 7 anos “ Assim, não percam tempo de modo a contribuir no valioso investimento no campo do progresso moral delas, pois a educação espírita vem com um grande desafio nestes momentos graves por que passa a Humanidade, trazendo uma mensagem de construção moral para um mundo novo.

2. Faz-se necessário que os pais, especialmente os espíritas, se conscientizem sobre o grau de responsabilidade que assumiram com seus filhos na presente encarnação, não podendo postergar mais essa tarefa.

3. Assim como todo pai responsável preocupa-se com a educação escolar de seu filho, com a proposta curricular da escola; preocupa-se em conhecer quem é a professora, como é a escola, suas normas, sua linha metodológica, procurando sempre cooperar com as necessidades da escola, deve dessa mesma forma preocupar-se em conceder a seus filhos, uma hora por semana, para aprender nas aulas de Evangelização Espírita a amar e compreender e como melhor viver e conviver construindo um futuro de paz. Os pais devem estabelecer com a evangelização de seu Centro Espírita um vínculo afetivo de cooperação, participando ativamente de suas ati-



vidades, conhecendo seu programa, quem são seus evangelizadores, quais suas necessidades, onde e como se dá a evangelização. É importantíssimo que os pais tenham essa preocupação, para que, no porvir, possam felizes e agradecidos de consciência tranqüila, verem seu filho devidamente encaminhado, a fim de que ele possa melhor enfrentar as provas e expiações que lhe venham surpreender no porvir.

A evangelização das crianças e dos jovens não depende somente do trabalho do evangelizador para alcançar seus objetivos. É necessária a participação do lar, como peça fundamental desse processo. Os pais deverão manter, em seus lares, a vivência espírita, pois são eles os verdadeiros instrutores dos Espíritos encarnados na condição passageira de filhos. E nesse mister, é importante que possuam uma bagagem de conhecimento doutrinário-espírita.

As Sociedade Espíritas, através do Departamento de Assuntos da Família (DAFA) têm organizado o Ciclo de Pais, em que se promove o estudo sobre a Doutrina Espírita, com o objetivo de orientá-los em sua relevante tarefa. Dessa forma, resta evidenciada a importância da divulgação desse trabalho, estimulando-os a participar

do Ciclo de Pais em seu Centro Espírita que, geralmente, funciona em horário simultâneo com o das Aulas de Evangelização para crianças e jovens.

Atendamos, assim, enquanto é tempo à tarefa a que fomos convocados e recordemos, nesta oportunidade, o que nos alertam os Espíritos Luminares :

“Ó espíritas ! compreendei o grande papel da Humanidade ; compreendei que quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma ;(...). Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus : Que fizestes do filho confiado à vossa guarda ? “ (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 9).

BIBLIOGRAFIA

- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec
- O Livro dos Espíritos – Allan Kardec
- Ante o Vigor do Espiritismo- Raul Teixeira.
- Palavras de Luz -Divaldo P. Franco.
- O Currículo para as Escolas Espíritas de Evangelização infantil-Juvenil. FEB,1997

A Estreita Relação entre o DAPSE e o DAFA

*Cicélia Porto de Deus**

As propostas de ação do DAPSE – Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita e do DAFA – Departamento da Família, interagem de tal maneira, que podem facilmente confundir-se nos seus objetivos, pois ambas atuam através do eixo educativo, orientando e esclarecendo o ser humano sob sua importância no contexto social e familiar. Ambas entendem que o Centro Espírita deve ser um espaço de convivência em que a fraternidade não seja apenas um ideal, mas um permanente exercício de construção de relações, onde o cidadão sinta-se bem, goste de estar, seja ouvido e respeitado, independente da sua idade, cultura ou condição social, onde possa encontrar alguém que se disponha a conversar com ele, de forma natural, de irmão para irmão, dando-lhe tempo para que compreenda os ensinamentos cristãos e passe a encontrar as soluções para suas problemáticas pessoais e familiares.

OBJETIVOS DO DAPSE:

Atender às famílias na programação assistencial do Centro Espírita, conjugando sempre a ajuda material, o socorro espiritual e a orientação doutrinária, sem imposições, visando a promoção social do indivíduo, a integração dos pais, a educação da criança, a reeducação do idoso, ajudando-os a libertarem-se das raízes do sofrimento.

OBJETIVOS DO DAFA:

Orientar e esclarecer as pessoas que buscam a Casa Espírita, à luz da Doutrina Espírita, sobre as razões e os porquês de es-

tarem vivenciando a experiência reencarnatória no seio familiar. Objetiva ainda, a conscientização dos integrantes da família sobre seus compromissos e responsabilidades de uns para com os outros e capacitá-los para auxiliarem-se mutuamente.

A ATUAÇÃO DO DAPSE

O DAPSE atua como um canal de integração com a família, encaminhando os seus componentes, sejam elas, criança, adolescente, adulto ou idoso aos recursos espirituais que a Instituição Espírita oferece. Este encaminhamento é feito diretamente aos respectivos departamentos existentes na Casa que irão assistir, orientar e educar nosso irmão, de acordo com suas reais necessidades.

O foco do trabalho de assistência e promoção social espírita contido no Plano de Ação do DAPSE consiste na atuação em dois campos de ação imediata:

- Assistência social em ações preventivas e de proteção;
- Assistência social em ações de promoção e de inserção.

A Assistência Social Espírita assegura suas características benéficas preventivas em seguimento à promoção social com o atendimento às necessidades evangélicas.

Todo o trabalho de ação e promoção social espírita tem uma programação integrada – assistência social mais assistência espiritual, consistindo a assistência curativa, preventiva e promocional, ensinan-



O DAPSE atua como um canal de integração entre a família assistida e os recursos espirituais que a Instituição Espírita oferece

* Colaboradora do DAPSE - Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita

O trabalho de ação e promoção social espírita deve integrar a assistência social e a espiritual, ensinando o homem a solucionar os seus próprios problemas

do o homem a trabalhar e solucionar os seus próprios problemas.

Jesus nos apresentou, há mais de 2000 anos os passos metodológicos e exemplificou, como ninguém, esse procedimento no seu evangelho de amor, através da parábola do bom samaritano.

As ações de promoção e inserção social caracterizam-se no trabalho de alavanca do progresso social, coletivo e individual. Kardec elucidou. “O homem tem, com efeito, por missão trabalhar pela melhoria material do globo... Para o trabalho das gerações, que se realizam através dos séculos, o homem teve de extrair os materiais das próprias entranhas da Terra. A atividade exigida por esses trabalhos lhe aumenta e desenvolve a inteligência”.(EV XVI-7).

CONCLUSÃO:

O trabalho integrado do DAPSE interage na ação conjunta imediata e educativa do DAFA, buscando o concurso também de outros departamentos como o DIJ – Departamento de Infância e Juventude, Departamento Doutrinário, ESDE e Apoio Espírita que o Centro Espírita oferece em consonância ao diagnóstico realizado pela equipe de voluntários em atividade.

A fundamentação doutrinária, base de apoio da metodologia divina do trabalho do DAPSE observa a máxima da caridade segundo entendia Jesus: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”. Principais características, tolerância e condescendência, recebendo o influxo da bondade. Ensina aos homens o Supremo Educador as seguintes lições:

1. Fé, esperança e caridade;



2. Lições de humildade e resignação;

3. Lições de indulgência e perdão;

4. Lições de prudência e temperança;

5. Lições de justiça e coragem.

Com a iluminação do socorrido, as funções da ação de promoção social consistem na criação de oportunidades aos assistidos de participarem de cursos semiprofissionalizantes para as mães, pais, jovens, idosos em oficinas, propiciando melhoria nas condições de vida.

Assim sendo, o DAPSE desenvolve a sua filosofia de trabalho, dentro de uma efetiva postura espírita-cristã, cujas diretrizes gerais e de ações, estão voltadas para a implantação e desenvolvimento das tarefas assistenciais por parte das casas federadas em nosso estado, com o propósito de contribuir para a minoração dos problemas sociais, e estabelecendo interação com os demais departamentos da Casa Espírita, principalmente em linha de sintonia com o Departamento da Família.

Um olhar sobre a pós-modernidade

Jerri Roberto S. de Almeida*

“Quando, porém, conseguir a soma de gozos que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, verificará (o homem) que não está completa a sua felicidade. Reconhecerá ser esta impossível, sem a segurança nas relações sociais, segurança que somente no progresso moral lhe será dado achar. Logo, pela força mesma das coisas, ele próprio dirigirá o progresso para essa senda e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar tal objetivo.”

(Allan Kardec, Conclusão IV, O Livro dos Espíritos)

O Pós-Segunda Guerra Mundial gerou não somente uma mudança na geopolítica internacional com o advento da Guerra-Fria, mas, igualmente, ensejou uma nova dinâmica no âmbito das relações humanas, estruturada sob a égide de uma sociedade tecnológica. Essa sociedade do pós-guerra, que propôs rupturas com a idéia de totalidade ou universalidade de valores – no mundo Ocidental – é, genericamente, denominada pós-moderna ou pós-industrial. Enquanto a Modernidade foi representada pela sociedade industrial que valorizava a disciplina, o controle, a estabilidade... a pós-modernidade caracteriza-se, justamente, pelo princípio da incerteza, insegurança e da relatividade.

Na modernidade, a vida individual e coletiva era pensada a partir da idéia de um tempo linear, isto é, o passado servia de experiência para ordenar o presente e, tudo aquilo que não se lograva conquistar no presente, projetava-se em aspirações e expectativas para o futuro, ou seja, construía-se um projeto, uma meta e buscava-se persegui-la.

Em oposição a este quadro, a pós-modernidade caracteriza-se, entre outras coisas, pela ruptura com esse tempo linear: passado, presente e futuro. Fixando-se essencialmente no presente através do desejo de viver intensamente o momento. A procura pelo prazer imediato, a valorização extrema da imagem sobre a realidade, a cultu-

ra do consumo, o individualismo e a competição, ao invés de gerarem felicidade, tem construído painéis de solidão, medo e vazio existencial.

Transitamos de uma sociedade repressiva, em todos os níveis (governos ditatoriais, família patriarcal, escola autoritária, fábricas opressoras...daí o rompimento com a idéia de “totalitarismo”, também vinculado à noção dos valores) e, no ímpeto por liberdade, adentramos num modelo de sociedade diametralmente oposta, onde tudo passou a ser permitido. Confundiuse liberdade com libertinagem e acabamos no dilema shakespeariano do “ser ou não ser”.

Na arte, principalmente no cinema, temos a expressividade desses novos paradigmas. O Exterminador do Futuro e O Caçador de Andróides, entre tantos outros, passam-se num mundo técnico com novas regras de trabalho e ambiente biotecnológicos. Temos, portanto, o retrato da percepção caótica do espaço-tempo ou a arte do fantástico e do hiper-real.

Não objetivamos um estudo teórico mais detalhado dessa temática. Tão somente, nos interessa refletir – nesse contexto – sobre a questão da família e dos valores, ressaltando a teoria espírita como “poderosa alavanca” para que o homem hodierno avance no caminho da educação moral, visando situar-se plenamente no mundo, em termo de aproveitamento de suas experiências evolutivas.

A Cultura do “money-teísmo”

Não há dúvidas que a família, nesse complexo processo sociológico da pós-modernidade, sofreu mudanças organizacionais e, mesmo, estruturais. A visão de uma família nuclear, por exemplo, já não pode ser vista como um modelo familiar exclusivista. Todavia, a família – com seus acertos e desacertos – continua sendo a pedra angular da sociedade humana.

O Espiritismo, em sua ampla e profunda análise sociológica, pos-



A imagem se sobrepõe à realidade do ser, o imediatismo e o materialismo substituem os valores universais

tula a relevância dos laços familiares na construção da espiritualidade humana. A família, portanto, é um valor universal no processo de aprimoramento dos indivíduos e das sociedades, cuja recrudescência, seria um “retorno ao egoísmo”, em sua expressão mais ancestral.

Os dilemas da vida pós-modern-

*Professor e Dirigente Espírita
E-mail: jerriroberto@terra.com.br



A solidariedade deveria ser cultivada como valor que dá sustento à vida social.

na projetam no seio da família múltiplas turbulências na área dos valores e dos relacionamentos.

Na agitação da vida hodierna, muitos pais preocupam-se unicamente em amparar materialmente seus filhos, negligenciando, muitas vezes, a educação moral-espiritual, formadora do homem de bem. A criança socializa-se muito cedo nas creches e dispensa outras longas horas na frente de um televisor, com mensagens consumistas, agressivas e sensuais. A ausência do diálogo construtivo e orientador, na intimidade doméstica, substituído pelas conversações estereis e negativistas, colaboram para a modelagem de um quadro sócio-educacional-familiar muito delicado, exigindo imperiosa revisão.

Viver em família, é um grande desafio... diante das mensagens sedutoras que, de todos os lados, impelem o indivíduo a criar os seus valores e a sua verdade, a partir de um modelo de vida materialista. O

materialismo, como bem asseverou Kardec, continua sendo o terrível bloqueador das potencialidades do espírito humano, ao engendrar no indivíduo (muitas vezes desde o berço) o egoísmo e o orgulho.

Nesse contexto atual, sob o jugo de uma cultura “Money-teísta” do: “tempo é dinheiro”, a educação familiar é direcionada para a competitividade e não para a solidariedade. Como resultado, surgem as relações frias, isto é, relacionamentos não aquecidos pelos sentimentos fraternos. É bom lembrar que a palavra fraternidade vem do latim “frater” que significa “irmão”. Viver fraternalmente, portanto, significa viver em regime de “cooperação”. Dessa forma, seria possível articularmos uma postura de equilíbrio e sabedoria, em face aos valores do mundo e do espírito? A resposta foi apresentada por Jesus: “viva no mundo, sem ser do mundo”. Isso, entretanto, não significa uma postura de alienação em rela-

ção às questões materiais, mas a sua valorização na “justa medida”, como dizia Aristóteles.

A construção de valores

Um dos aspectos fundamentais da vida humana é a criação de valores. Valorizar é atribuir significados ao que consideramos como ideal, isto é, o que se deve fazer em relação ao que deve ser evitado. É com esse sentido que as mais diversas sociedades têm buscado estabelecer regras para orientar a conduta dos indivíduos.

O reconhecimento sobre a questão dos valores (do grego axio = valor) surge com o próprio desenvolvimento humano em sua ação de transformar a natureza a partir de suas necessidades existenciais. É, portanto, tão antigo quanto a capacidade do homem de refletir sobre suas ações.

Para se viver em sociedade é necessário a construção de valores e, mais que isso, estabelecer relações de hierarquia entre esses valores. Por exemplo: o valor-vida vem em primeiro lugar na ordem lógica dos valores. Podemos, em seguida, eleger o valor-família, o valor-respeito, o valor-fraternidade, o valor-trabalho, o valor-propriedade...

Há naturalmente, valores que diferem de sociedade para sociedade. Mesmo no cotidiano de um grupo social a adoção de valores diferenciados podem levar a situações de conflito. Entretanto, em que pese alguns setores academicistas defenderem, dentro da visão pós-moderna, que os valores estão fragmentados, isto é, cada um faz os seus valores, o Espiritismo ressalta e reafirma a existência de valores universais.

Quando falamos do valor-vida, estamos nos reportando a um valor universal, ou seja, deve-se privilegiar a vida no sentido de evitar a sua extinção de forma intencional ou provocada, empenhando-se todos os esforços coerentes, éticos e cientificamente disponíveis para salvar alguém da morte.

A epistemologia espírita da educação busca despertar o homem cósmico, na magnitude da nossa condição espiritual

Resta-nos o desafio de estruturar novos referenciais de vida no seio familiar, contrapondo o vazio existencial do materialismo

Se concordássemos com a tese dos valores fragmentados, estaríamos aceitando que cada indivíduo, desejando, poderia sair armado na rua, matando quem encontrasse pela frente. Seria a negação de todos os princípios ético-morais construídos, historicamente, até hoje. Seria, portanto, a negação da própria vida humana.

Novos Referenciais

Atribui-se ao venerando professor José Herculano Pires, o pensamento de que: “Educar é despertar o homem cósmico”.

Esse conceito, por sua amplitude e profundidade, nos basta para sintetizar o pensamento espírita no que tange a sua proposta educacional, em face aos problemas da pós-modernidade.

Assim como muitas instituições educacionais, a família, mergulhada em seus dilemas, parece ter perdido a noção e o sentido da educação profunda que lhe cumpre ministrar às novas gerações. Todos nós somos co-responsáveis na edificação de uma sociedade mais equânime e verdadeiramente cristã.

Estamos convencidos de que essa sociedade deve iniciar dentro dos lares, tendo por fio condutor uma boa educação. Essa educação deve iniciar – fundamentalmente – no período gestacional. Nessa fase, os pais gestantes e o espírito reencarnante estão profundamente vinculados afetiva e psiquicamente. Os pensamentos de equilíbrio, carinho, positividade dos genitores tenderão a ser absorvidos pelo filho-espírito, sensibilizando-o para a atual existência.

A epistemologia espírita da educação busca exatamente esse “despertar do homem cósmico”, isto é, o despertar do ser (adulto, jovem, idoso, criança) para a magnitude de sua condição espiritual e, pela fé racional, compreender os mecanismos existenciais promotores da felicidade e da paz.

Não obstante, o Movimento Espírita, através de suas forças vivas e

atuantes tem empreendido esforços na ingente tarefa de ofertar o esclarecimento e a reflexão espírita, sobre os fundamentos da família e seus aspectos espirituais. Evidentemente, isso não é feito com propósitos proselitistas, mas no intento de colaborar com estímulos positivos à maturidade do Ser, que atravessa o mar tempestuoso da perda de rumos e de fragilidade dos valores.

Os fundamentos da educação moral na família, à luz do Espiritismo, têm base na ética do amor anunciada no Evangelho, onde define-se o grande imperativo da vida: amar. No grego, a palavra “agape”, entre outros significados, designava o amor abnegado ao semelhante, ou seja, o amor evangélico. Portanto, o amor – essência dos ensinamentos de Jesus – é, epistemicamente, o princípio áureo, capaz de unir e harmonizar os seres humanos, rompendo o isolamento e o individualismo sem destruir o respeito interhumano, a privacidade, a personalidade e a liberdade de cada um.

Podemos, pois, afirmar que o Espiritismo constrói – em sua ampla e dinâmica abordagem doutrinária – um conjunto de valores ético-espirituais de primordial importância para que o homem não se deixe arrastar por seus instintos mais grosseiros e inclinações ancestrais, geradores de desequilíbrios múltiplos. Entretanto, a assimilação desses ensinamentos estará de acordo com os níveis da evolução psíquica dos indivíduos. Mesmo assim, Allan Kardec justifica o empenho pelo ensino espírita:

“Fora presumir demais da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das idéias espíritas. A ação que estas exercem não é

certamente idêntica, nem do mesmo grau em todos os que as professam. Mas, o resultado dessa ação, qualquer que seja, ainda que extremamente fraco, representa sempre uma melhora.”

(O Livro dos Espíritos, Conclusão VII)

Do exposto, resta-nos o desafio de estruturarmos novos e significativos referenciais de vida no seio familiar, capaz de contrapor o niilismo ou o vazio existencial que se socorre na ânsia pela posse. Depreende-se, portanto, que os dissabores da pós-modernidade, refletem a figura de um ser humano preocupado e absorvido, exacerbadamente, pelos valores externos. Compreendemos que seja necessário perseverança, em termos educacionais, para resignificarmos os valores dessa sociedade utilitarista e massificada. O diálogo no lar, alicerçado no exemplo comportamental dos pais, ensejaram às bases indispensáveis para a construção do respeito e da identificação familiar com os valores ético-morais-espirituais. A colheita desses resultados será obra do tempo, a sementeira, entretanto, é tarefa do hoje e pertence a todos nós.

Referências Bibliográficas

KARDEC, Allan, O Livro dos Espíritos. Brasília, DF: FEB, 1987, 68ª ed.

SANTOS, José Ferreira dos. O Que é Pós-moderno. São Paulo: Brasiliense, 1994.

AMIN, Samir. In. Revista Caros Amigos, julho, 2000.

1 RIZZINI, Carlos Toledo. Você e a Renovação Espiritual. 1ª ed. Sobradinho, DF. Edicel, 1991. Páginas 55-56

O resgate do idoso no plano social e familiar

**Gelson Luis Roberto*

Muito têm-se falado sobre a importância cada vez maior de reconsiderar o valor e o espaço do idoso na nossa sociedade. Não só porque o país está cada vez mais idoso, mas porque, com isso, os próprios valores também vão se modificando. Victor Hugo, através da psicografia de Divaldo Franco, nos relata que “o padrão de cultura e progresso moral de uma sociedade justa é medido pelo apoio e pelo carinho dedicados às suas crianças carentes, aos enfermos em desventuras e aos velhinhos em desvalimento, que já não constituem o lixo social, mas sim os elementos de edificação espiritual, na qual se apóia a paz que comanda os destinos sob o alento do dever cumprido” (1986, p.22).

Este trabalho visa refletir um pouco sobre a necessidade de resgatar a figura do idoso em nossa família e sociedade. Esta necessidade não é só por conta do questionamento que se faz em torno da terceira idade, mas, sim, porque a valorização do idoso também é uma

forma de salvar a própria sociedade e seus membros, sejam crianças e/ou adultos, pois acreditamos que a terceira idade tem muito a acrescentar para todos nós. Por isso, não vemos nesse propósito apenas a deliberação de um olhar para as necessidades dos idosos, mas que a necessidade de olhar aos idosos fazem-nos olhar para as necessidades de todos nós em considerando um momento de grande crise mundial.

Até pouco tempo atrás, e ainda sentimos isso, o idoso era considerado uma pessoa rejeitada socialmente, vista como desatualizada, retrógrada e com a tendência a ser mais dependente e menos saudável. Numa sociedade que valoriza a eficiência acima das relações e onde o tempo é vivido cada vez mais acelerado, torna-se difícil um lugar para o idoso, para descobrir o valor para si mesmo e o valor que ele tem para nos oferecer. Então o resgate é de valor. Valor afetivo, quando podemos resgatar a autoestima e o papel afetivo do idoso;

valor social, quando podemos valorizar e reconhecer o poder do idoso; e valor familiar, quando descobrimos o quanto esses elementos são vitais para a vida familiar, bem como as várias importâncias que o idoso tem para a mesma. Assim, podemos repensar essa exigência de querer desesperadamente agarrar-se ao modelo fisiológico da sociedade consumista. No dizer de Hillman (2001), agarrar-se a alguma coisa ou cedê-la – eis a questão para os idosos.

Como então podemos viver a aposentadoria sem que isso seja um decreto de morte? Como envelhecer sem ter medo do esquecimento e do lugar que ocupamos na família? Como podemos ser valorizados mesmo não sendo tão física e intelectualmente ativos? Como nos mantermos envolvidos socialmente e em contato consigo próprio sem recorrer ao modelito atual: sempre perfeito, saudável e bonito?

Temos que encontrar no idoso o seu mito do significado e descobrir novos sentidos para todos nós. Realizar uma compreensão da velhice como forma de vida. Vivemos numa sociedade técnica, onde não há tempo para lembrar, consequentemente, sem lugar para as histórias que os idosos têm para contar. Com isso, não queremos iludir nem simplificar a questão da velhice, queremos imagens que tocam e perduram. Quais as imagens que podem melhor nos falar sobre a velhice? Segundo Milton de Almeida (apud Dias, 2001), essas são aquelas que tratam de forma mais poética, mais humana e conflituosa a questão da velhice, “o poético é lento e complexo, não é explícito, mostra a ambivalência o tempo inteiro. A sociedade, porém, não suporta a ambivalência, a am-

**Psicólogo clínico*



bigüidade, e tudo tem que ser muito rápido ... e tudo tem que ser muito explícito”.

É claro que esse resgate é dentro da perspectiva da sociedade materialista ocidental. Dificilmente vamos ver questões de abandono dos idosos nos países árabes e também não encontraremos a desvalorização do idoso nos países orientais, onde o mesmo guarda um valor de grande importância para a comunidade. Sabemos, por exemplo, que no Japão há um espaço para o idoso, onde ele tem um papel na religião e é tratado com reverência.

Também encontramos na nossa cultura o exemplo do valor e possibilidades que o idoso pode ocupar na nossa sociedade. Em várias tribos brasileiras, o ancião é considerado um arquivo vivo, os saberes são transmitidos pelos mais velhos, e incluem vários aspectos da vida na aldeia, desde medicina, até os cantos e as danças para os dias de festa. Como conhecedores dos mitos, os velhos tem a função de ensinar aos mais novos os conhecimentos dos antepassados. Além disso, também tem outras importantes funções como a de liderar os cantos e danças na condução de vários rituais e de fazer brincadeiras com as pessoas.

A antropóloga Nádya Farage explica que os mais velhos são os depositários da memória dos povos. Para a cultura Baniwa, os idosos são extremamente importantes, principalmente pelos conhecimentos espirituais; os pajés mais poderosos só atingem os altos níveis de poderes sobrenaturais, como o dom da cura, da clarividência e da profecia, depois de uma longa vida de experiências.

O papel social mais marcante entre os idosos Baniwa é o do sábio ou profeta. Eles são conhecidos por “Mestres do Povo Jaguar” ou “Jaguars do Paricá”, porque só os pajés mais antigos conseguem misturar o paricá (pó

A civilização ocidental, que só cultiva a juventude e a produtividade material, tem que aprender com outras culturas a valorizar a contribuição que o idoso pode oferecer à vida social

com o caapí (bebida), dois elementos de efeito psicoativos que tem muito poder para os índios. Nas tribos Kadiwéu, os desenhos são feitos pelas mulheres, mas as grandes artistas são as mulheres mais velhas, que passaram dos 60 anos. São elas que conhecem a refinada arte dos padrões dos desenhos tradicionais, o simbolismo de cada desenho, o tipo de padrão para cada família e diferentes motivos para serem desenhados em cada parte do corpo.

Lemos em Hillman:

“A alma precisa ser adequadamente envelhecida antes de partir? Podemos então imaginar o envelhecimento como uma transformação em beleza, tanto quanto em biologia. Os idosos são como imagens num monstruário, transportando a vida biológica para a imaginação, para a arte. Os idosos tornam-se representações notavelmente memoráveis, personagens no teatro da civilização, cada um deles uma figura de valor única e

insubstituível. Envelhecer: uma forma de arte?” (2001, p. 13)

As nossas idéias sobre velhice estão precisando ser substituídas. Uma das mais perniciosas é o fato de pensarmos que a nossa realidade pode ser reduzida ao corpo. Essa teoria acaba nos tornando vítimas da velhice, pois nos sentimos subjugados à fisiologia. Acreditamos, com Hillman, que o caráter dirige o envelhecimento e o envelhecimento revela o caráter. Theodore Roszak (apud Hillman, 2001) propõe uma revolução e triunfo dos idosos. Ele refere que os idosos tem muito para contribuir para uma sociedade da qual ele chama de “sobrevivência dos mais brandos”. Seria uma oposição ao capitalismo selvagem e ao abuso das reservas ecológicas, pois para ele, na proporção que os idosos aumentam, aumenta também os valores que eles consideram mais importantes: o alívio do sofrimento, a não-violência, a justiça, a educação, a manutenção da saúde e da beleza do planeta. Com isso muito do poder transformador e do salvamento do



Entre os muçulmanos, o idoso recebe grande consideração social

planeta pode estar nas mãos dos idosos. Por isso, precisamos mudar e ajudar a promover essa revolução. Não só resgatando o idoso como a memória viva da sociedade, mas reconhecendo que a velhice nos oferece o ensinamento da força do caráter, com sua fé na unicidade do indivíduo, como força que afeta todo o planeta.

Hillman nos revela que a palavra *old* (em português, antigo ou velho) é ela própria uma palavra bem antiga, que se supõe ser derivada de uma raiz indo-européia que significa nutrir. Seguindo a pista dessa palavra no gótico, no norueguês antigo e no inglês antigo, descobrimos que uma coisa antiga é inteiramente nutrida, crescida, amadurecida. (2001, p. 71) Descobrimos na etimologia da palavra “velho”, um significado muito especial: a idéia que a velhice é o fruto amadurecido que pode agora revelar o seu sabor. Não mais o esforço de crescer do início, não mais a necessidade de ter lugar e de demonstrar a qualidade bela da flor, mas o fruto amadurecido que revela o seu maior segredo, o seu maior valor. Sim, precisamos reconhecer que o idoso tem muito sabor, muita sabedoria para oferecer. Mas essa precisa ser acolhida, precisa de um lugar para que se revele.

Talvez possamos entender um pouco o que isso significa, no relato de Jane Rule. Ela agora idosa, evoca as lembranças do seu contato com as avós:

“Eu amava todos os meus avós mas eu amava o corpo das minhas avós, ambas padecendo de artrite, como eu agora. Eram frágeis e determinadas no modo de se movimentarem, e, a partir do momento em que cresci e fiquei forte o suficiente para ajudar de alguma maneira, usaram meu corpo como suporte ou alavanca. Desde cedo ensinaram como tocar a dor e confortar porque estavam à ingênua mer-

cê do meu amor. Com elas, muito mais do que com a minha maravilhosamente corpulenta e competente mãe, aprendi a íntima proximidade da carne. Tornar-se uma mulher idosa sempre foi a minha ambição, e pode ser que a minha existência deva ser curta o bastante para que acelere o processo necessário para tanto... assim desejo ensinar às crianças que amo que elas são capazes de ternura e força, de conhecimentos, por causa do que virem no meu rosto, nítido na dor e no deslumbramento, firme no intento de praticar a vida enquanto ela me durar.” (1994, p. 100-1)

Parece que os idosos possuem a capacidade de nos lançar para fora deste mundo restrito e nos colocar em contato de novo com ele de uma outra forma. Como tão bem nos coloca Malcolm (1994) os idosos juntavam-se a nós fora do tempo, onde as dicotomias existentes na vida parecem fluidas e transponíveis. É um tempo mítico, recheado de mistérios e profundidade. Mas quão pouco temos vividos de maneira a reconhecer.

Podemos ver que para os avós há uma diferença fundamental entre eles e seus próprios filhos, pois estão livres do papel dos pais onde a autoridade se impõe e podem aliar a mesma o afeto. Os avós constroem, através das suas lembranças, vetores espirituais e valores que possibilitam experiências profundas e marcantes para os seus netos, através do afeto que dedicam ao mesmos, assegurando, com isso, a permanência do valor da família. Segundo Neri,

“na velhice, mesmo tendo que

conviver com algumas limitações, as pessoas verdadeiramente maduras podem selecionar domínios da personalidade, da inteligência, das habilidades e da atuação social às quais poderão se dedicar e poderão sentir-se muito bem. A velhice é uma fase em que a pessoa pode se sentir mais liberta de obrigações e normas, pode estar mais em contato consigo mesma; pode ser mais compassiva e aceitadora; pode passar a preocupar-se desinteressadamente pelo semelhante, pode descobrir um sentido na vida e pode investir mais em si mesma.” (2002, p. 5)

Os idosos deveriam ser exploradores, diz o poeta T. S. Eliot. Dizemos mais, exploradores da alma. Uma capacidade de penetrar em campos que a nossa sociedade adulta não consegue ir por estar por demais ocupada com as necessidades e armadilhas criadas pelo nosso ego consumista e pouco amoroso.

Temos então que, primeiramente, recuperar a imagem digna da velhice e favorecer um novo papel e importância para a mesma. Sem isso, a terceira idade vai ser apenas um triste arremedo da vida adulta. Em termos práticos, podemos considerar as seguintes condições:

- 1- Procurar sentir profundamente o significado do ser idoso;
- 2- Ter um olhar mais realista, respeitando os limites e reconhecendo os valores do idoso;
- 3- Permitir uma certa liberdade para o idoso, para que ele possa descobrir o seu aspecto criativo e lúdico, mesmo que isso cause uma certa estranheza e inveja de nossa parte;

***Além das transformações de biologia,
há no idoso toda uma rica dimensão
poética, lúdica, espiritual e crítica, a ser
resgatada e valorizada pela sociedade***

4- Abrir espaço para que o campo afetivo encontre lugar nas relações, descobrindo e redescobrimo as histórias de nossos familiares idosos e compreendendo o quanto isso pode nos ser útil para a nossa memória familiar e dignificando a nossa própria vida. Já pensaram que existimos graças ao esforço de nossos bisavós, avós e pais que trilharam caminhos e des-caminho para que chegassemos aqui? E quantas experiências e situações vividas a nos ensinar?

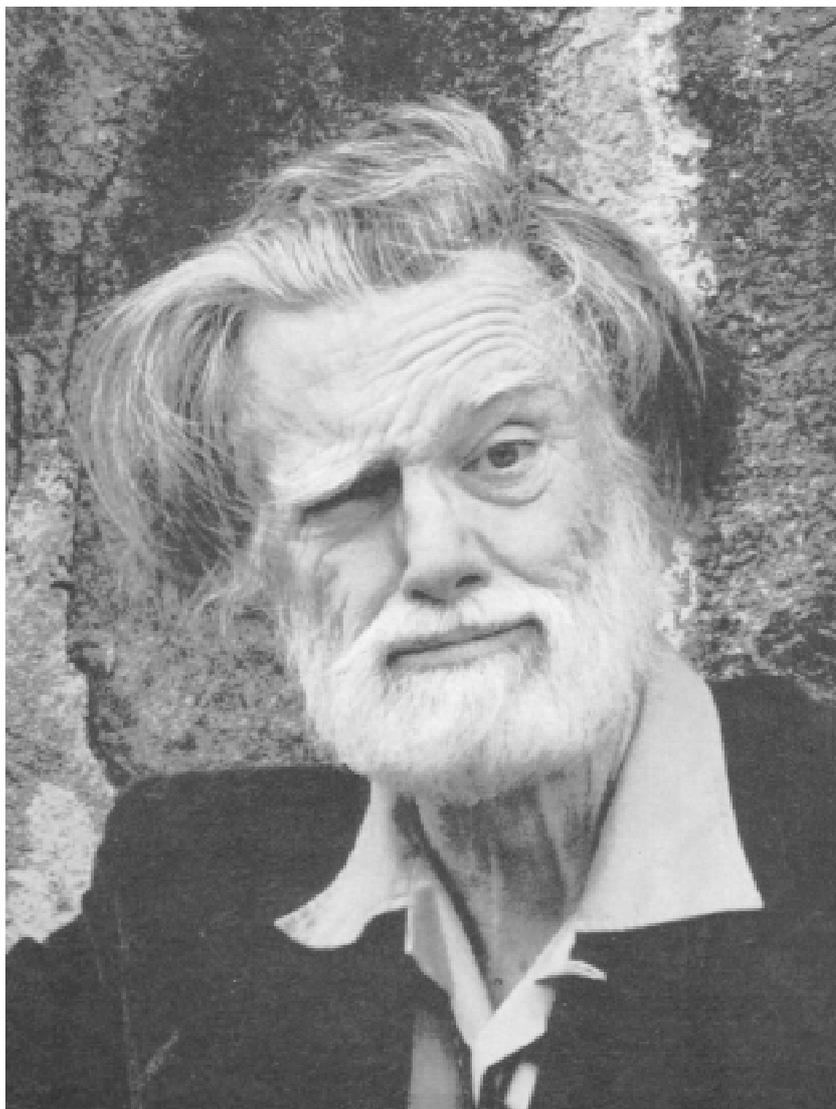
5- Integrar o idoso na nossa vida, respeitando as condições do mesmo;

6- Oferecer tarefas e dar condições para que o idoso possa ter os seus projetos, incentivando-os e favorecendo-os.

7- Suportar o silêncio e descobrir os segredos que se escondem num corpo/alma que parece não ter mais valor. Só parece, pois na maioria das vezes temos pouca paciência e disponibilidade para que o idoso se revele em toda a sua grandeza, temos medo e dificuldade de nos confrontar com as nossas próprias fantasias de velhice e morte que projetamos nos nossos parentes mais velhos.

Tanto nós como os idosos, temos que aprender a sermos mais capazes de auto-aceitação, de conviver mais suavemente com a fragilidade, de nos sentir mais realizados e oferecer um espaço para que o idoso assim se sinta; não recriminar e nem sofrer inutilmente por aquilo que não alcançamos. Com isso, resolvemos a questão da velhice em agarrar-se a alguma coisa ou soltá-la e retomamos o pensamento de Victor Hugo, onde, contrariando totalmente a idéia do idoso ser o lixo social, elege essa condição como sendo a do edificador espiritual. Sim, os idosos podem nos salvar.

Dignifiquemos os idosos para que eles possam nos retornar com a força de seu caráter vivificador, alimentando de sabedoria e compaixão as nossas almas.



Há que se dar liberdade ao idoso, para que ele exprima a dimensão lúdica da faixa etária, que faz tanta falta ao mundo belicoso e utilitarista.

Bibliografia

BARROS, Myriam Lins. Antropóloga analisa situação de idosos sob a ótica dos próprios. Entrevista para a Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, nº 36 – setembro de 2002.

DIAS, Susana. As imagens da velhice no cinema. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, nº 36- setembro de 2002. <http://www.comciencia.br>

HILLMAN, James. A força do caráter e a poética de uma vida longa. Rio de Janeiro: objetiva, 2001.

HUGO, Victor. Árdua ascensão. Psicografado por Divaldo Franco. Salvador: Alvorada, 1986.

MALCOLM, River. O arquétipo do avô – seu reino por uma mão. Espelhos do Self. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 104-107.

NERI, Ana L. Entrevista para a revista Conciencia. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, nº 36 – setembro de 2002.

PASCHOAL, Guto. Anciãos transmitem cultura indígena. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, nº 36 – setembro de 2002.

RULE, Jane. Avós amorosas. Espelhos do Self. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 100-101.

Consequências emocionais nos filhos da separação dos pais

**Sérgio Luís da Silva Lopes*

“O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens hão feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina”. Item cinco, do Cap. XXII de O Evangelhos Segundo o Espiritismo.

A Doutrina Espírita não é contra o divórcio, porém tampouco o incentiva. O divórcio não é bom ou ruim, sua oportunidade depende da situação a qual se aplica. O que poderá ser uma saída viável e até mesmo saudável numa situação, poderá ser uma saída precipitada e desastrosa noutro contex-

to de relacionamento afetivo.

Há consequências emocionais quanto aos filhos, tanto nos casais que se separam, quanto naqueles que vivem juntos, mas que não vivem bem. Tanto um relacionamento familiar instável, quanto um processo de separação conjugal, com todas as suas contingências e vicissitudes, trazem consequências emocionais para a criança em seu desenvolvimento. Esses impactos poderão ser evidenciados de várias maneiras; algumas vezes serão imediatos, em outras situações, poderão expressar-se ao longo dos anos.

Antes da reencarnação, muitos casamentos são programados na necessidade de ajuste e reaproximação em face de antigas ligações que, no passado, foram marcadas por mágoas e desentendimentos. Após o período inicial, de encantamento é natural que se vão desnudando as antigas características e apareçam as suscetibilidades afetivas de uma relação que já existia. Dependendo da condição emocional no presente de cada um, bem como dos recursos internos que

tenham adquirido nesta existência, poderão ou não levar adiante o casamento atual.

O divórcio é uma saída sensata, quando as condições de sofrimento no convívio condenam a relação a um regime de tortura, estagnando o crescimento de ambos. Porém, é uma simples fuga quando, pela lei do menor esforço, ambos abrem mão da relação, perdendo aí uma oportunidade ímpar de crescimento e realização ao não tentarem encontrar saídas possíveis para os conflitos inevitáveis a qualquer relação afetiva.

É no tribunal da própria consciência que cada um deve julgar qual o caminho mais apropriado para si e para a relação.

Como ficam os FILHOS?

Sabe-se que o número de separações conjugais já atinge em torno de 50% dos casamentos, sendo que, em grande parte destes rompimentos, os filhos contam com menos de 15 anos de idade.

A vivência dessas crianças e adolescentes, diante da ruptura da relação dos pais, normalmente é de muita aflição, medo e tristeza. Devido a isso, se impõe a reflexão de quais os pontos perigosos referentes a eles que os pais devam observar, a fim de que esse impacto seja minimizado.

Normalmente os problemas que surgem nos filhos, durante e após a separação, se devem mais aos conflitos entre os pais, do que devido ao rompimento em si. Filhos de casais que estejam envolvidos em suas brigas e desentendimentos, apresentarão mais problemas do que filhos que sejam preservados e protegidos satisfatoriamente pelos pais. Há pais que consideram a

Crianças são as grandes vítimas das separações realizadas forma inadequada



**Médico psiquiatra*

existência dos filhos numa crise conjugal e outros não. Uns ficam tão envolvidos em suas próprias mágoas e decepções que se esquecem dos filhos. Com isso, suas crianças ficam expostas às brigas e agressões entre os pais e, não raramente, são incluídos nestas.

É necessário que eles sejam considerados nesse momento tão difícil, mas é preciso entender o que seja “preservar e proteger satisfatoriamente”.

Se de um lado existem situações em que os filhos participam de tudo, recebendo todos os impactos de uma relação estraçalhada, por outro existem pais que, para pouparem seus filhos, deixam-nos totalmente fora, excluindo-os do processo. Essa ausência de contato com o que está acontecendo, também gera problemas, à medida que, em muitos momentos, no desenvolvimento infantil é comum a criança fantasiar que, o que acontece com os pais, é por culpa dela e, poderá, neste caso, sentir-se abandonada pelos pais julgando-se culpada por eles estarem se separando.

Também na adolescência isso é relevante, pois nesta fase da vida verifica-se uma natural mudança na característica do vínculo com os pais. Para caminharem rumo a sua independência psíquica, os adolescentes necessitam freqüentemente “desvalorizarem” seus pais. Em outros momentos alimentam sentimentos de raiva e decepção pelos pais que têm. Situações absolutamente normais, tanto que corriqueiras no relato de qualquer família que tenha filhos na adolescência. No entanto, diante de uma separação do casal, quando estes não dão nenhum tipo de satisfação para esses adolescentes quanto ao que está se passando, da mesma maneira que com as crianças, estarão gerando angústias perturbadoras no seu mundo emocional. Não por acaso encontramos filhos adolescentes tendo suas primeiras experiências com drogas exatamente no perío-



Nas separações, às vezes um dos pais busca a aliança com um filho para isolar o outro cônjuge

do em que os pais estão se separando.

Por isso é necessário deixar claro para os filhos que eles não são responsáveis pelo que está acontecendo com os pais, ou seja, eles não têm culpa pela separação.

Ser firme e explícito na colocação é muito tranquilizador para um filho que percebe que a separação está em andamento, e de nada adianta “poupá-lo”, no sentido de não lhe dizer nada, pois que isso acaba tendo um efeito contrário.

Deixar um espaço para que as crianças possam manifestar o que estão sentindo é outra atitude adequada.

Os pais têm muitos problemas com o fato de estarem gerando um sofrimento para seus filhos por ocasião de um processo de divórcio. No entanto, o sentimento de tristeza que eles apresentem é uma resposta emocional adequada e não deve ser encarada como uma patologia. Mais preocupante são as situações em que os filhos não mostram reação nenhuma, como se o que estivesse acontecendo fosse natural ou sem importância. Daí a

necessidade de haver proximidade com os filhos, lembrando sempre que a separação é entre os cônjuges e nunca deve ser entre pais e filhos. Quando isso acontece, a tristeza que eles sentem passa a tornar-se relevante, pois se transforma em isolamento e solidão, devendo ao abandono.

Pais usando os filhos para de vingarem do cônjuge

É comum numa separação a iniciativa partir de forma unilateral e acontecer de um ficar muito contrariado com a decisão do outro. Ou seja, um quer se separar, o outro não. O resultado freqüente dessas situações são sentimentos de mágoa e ressentimentos intensos, seja pela decisão, seja pelos motivos que a ocasionaram. Um exemplo comum disso é a traição, por um relacionamento extraconjugal. Nesses casos vemos muito aquele que se sente vítima do processo, passar a utilizar os filhos, de forma consciente ou inconsciente, para se vingar do cônjuge. A criança vê-se coagida emocionalmente a ficar de um dos lados, o que lhe desperta

A utilização dos filhos nas disputas entre os pais que se separam terá sérias conseqüências espirituais no futuro dos envolvidos

muita angústia, culpa e um sentimento inevitável de perda por ter que tomar uma posição de lealdade a apenas um dos pais.

Nesses casos, os danos ocasionados a essas crianças terão sérias conseqüências espirituais em futuro próximo para os envolvidos, recaindo as responsabilidades conforme o arbítrio da consciência de cada um.

Quando os filhos ocupam o lugar dos pais

Em determinadas separações, os cônjuges ficam tão regressivos e alterados que acabam perdendo a noção, se é que antes a tinham, de que são os adultos da história. Por vezes a mãe vira uma menininha desamparada, e o pai um moleque irresponsável. No meio deles estão as crianças, absolutamente “órfãos de pai e mãe”, tendo que, em muitas ocasiões, assumir a postura de adultos, seja para se ocuparem dos “pais” atrapalhados, seja para garantirem sua própria sobrevivência na situação. Esse é um outro problema, tanto sob o ponto de vista emocional, quanto espiritual.

Emocionalmente, essas crianças passam a viver um comportamento fora do momento adequado para suas idades.

No caso dos adolescentes, também é inapropriado, pois mesmo que através das experiências eles venham a amadurecer, estarão eles pulando uma fase importante de suas vidas. Não é tarefa para um adolescente assumir a responsabilidade pelos seus pais. Essa maturidade precoce trará reflexos na formação de uma personalidade autêntica, gerando conflitos profundos por etapas não satisfatoriamente vivenciadas. Por trás de um adulto com sérios conflitos, muitas vezes encontramos um adolescente que foi privado de viver sua adolescência, assim também com crianças que não tiveram direito à própria infância.

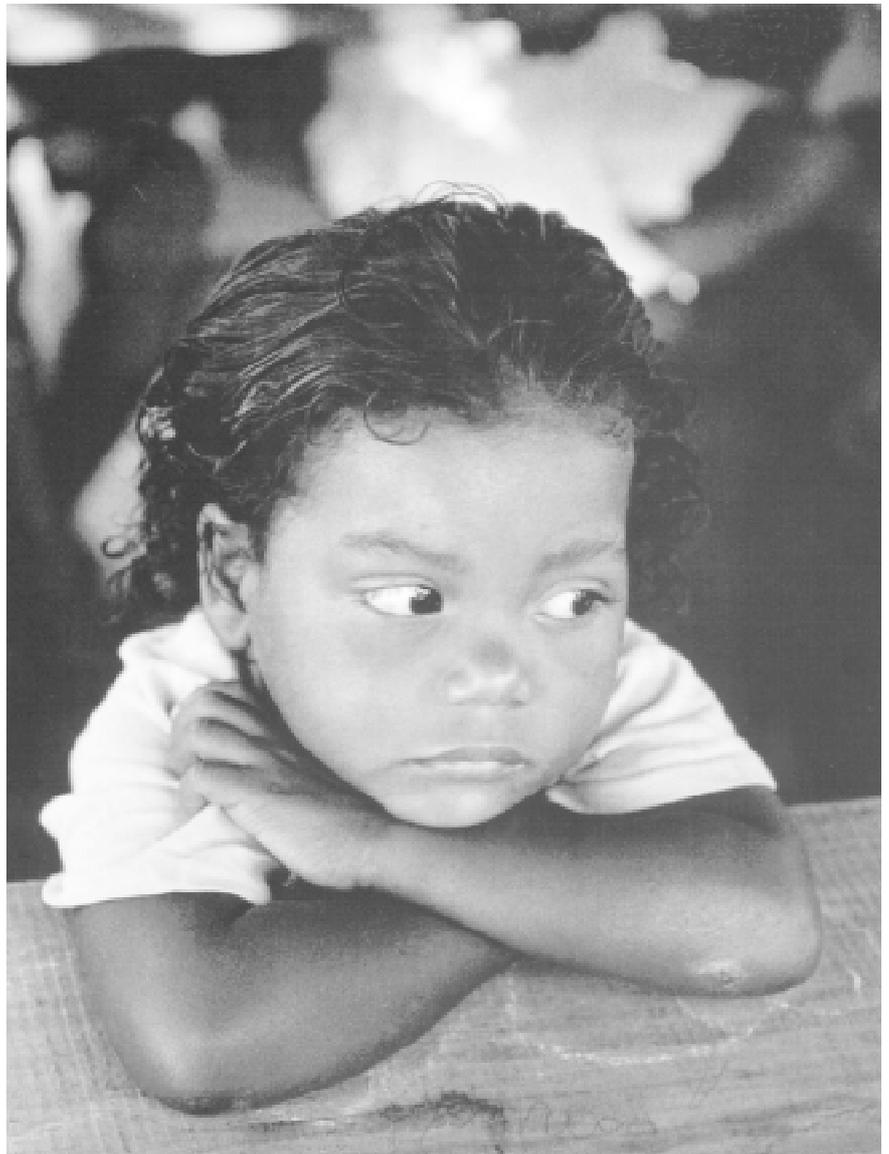
Espiritualmente, toda a vez que,

por egoísmo e negligência, os pais colocam um filho em plano secundário, terão responsabilidade pelo que venha a acontecer na sua vida emocional. Sempre que colocamos um filho no mundo, é sempre muito bom pensar que o primeiro direito passa a ser dele.

Como os filhos mostram suas dores?

Não há uma regra geral de co-

mo se mostram crianças e adolescentes frente à separação dos pais, pois como vimos, esse processo pode ser encaminhado de várias maneiras. Some-se a isso que cada espírito encarnado, como filho, tem sua própria evolução, carregando bagagens diferentes de experiências. Uns já nascem com recursos espirituais para suportarem situações difíceis; outros se desorganizam diante de situações aparente-



Crianças pequenas em separações conflituadas tendem a ficar atemorizadas, regressivas, fragilizadas

mente simples. De qualquer forma, existem manifestações comuns na maneira como os filhos mostram suas dores em grande número de casos.

De modo geral, quando a criança ainda é muito pequena, até a idade pré-escolar, observamos com frequência expressões aumentadas de medo, principalmente não aceitando ficarem sozinhas, quando até então já tinham alcançado isso. Perturbações no sono como medo de dormir, pesadelos e terror noturno. Alguns voltam a urinar na cama, ou mesmo a defecar, manifestando com isso uma regressão a etapas em que eram menores, numa tentativa de mobilizarem a atenção dos pais para com eles.

Assim também, pelo mesmo motivo, os acometimentos na saúde física. Não raro, eles adoecem mais seguido, apresentando infecções de repetição por diminuição da imunidade.

Já na idade escolar, surgem as problemáticas ligadas ao aprendizado, com dificuldades no estudo, refletidas principalmente pelo desempenho. Perturbações na convivência com colegas, através do isolamento ou expressões de agressividade.

Os adolescentes, do mesmo modo, expressam suas dores muito também através dos estudos, chegando por vezes a não continuarem frequentando as aulas. Perturbações relevantes no sono e na alimentação, bem como no dramático problema das drogas e da delinquência.

E a Doutrina Espírita?

A Doutrina Espírita amplia os conceitos de importância da vida humana. Situa-nos de forma diferente frente às diversas posturas que podemos assumir em nossa existência, salientando o caráter espiritual das experiências sem nos retirar do contexto do mundo. Ensina-nos a necessidade do amor



Crianças em idade escolar, em separações não conduzidas adequadamente, podem procurar isolamento social

como sentimento máximo a ser alcançado nas experiências do mundo.

Nascemos para crescer. Esse crescimento não acontece no pequeno espaço de uma única existência. Renascemos várias vezes. Reencontramos, em múltiplas oportunidades, aqueles espíritos que fazem parte do nosso programa evolutivo maior. Nasceremos como marido, mulher, filho, irmão, conforme a experiência que nos está faltando para enternecer nossos sentimentos. Não há regras rígidas para a reencarnação. Muitos casais que não alcançaram o ajustamento como marido e mulher, comprometendo-se frente às leis divinas pelos prejuízos causados, poderão retornar noutra condição, não necessariamente como marido e mu-

lher novamente, mas como mãe e filho, por exemplo, ou como irmãos.

Deus expressa pelas leis da vida, não um regime de punição, mas um processo educativo de aprendizagem, oportunizando experiências variadas no mundo físico.

Filhos são como pérolas raras. Ter filhos é uma das experiências que mais nos aproxima de Deus, uma vez que, ao tê-los, repetimos o ato da criação. Eles nascem de nós, assim como nascemos Dele. Cabe-nos situá-los devidamente no contexto de nossas vidas, dando-lhes o melhor de nós para o seu crescimento. Um casamento poderá romper-se, mas um filho é para a vida inteira. Vale cuidá-los da mesma maneira que gostaríamos de ser cuidados pelos nossos pais, com dignidade e amor.

Influenciação Espiritual sutil na infância

**Marco Antonio P. Santos*

Desde os tempos do Cristo temos relato de processos graves de influenciação de desencarnados sobre os vivos. Eram assim classificados como atuação de “demônios” ou “legião” de espíritos como na passagem do jovem possesso que vivia nos cemitérios narrado em Marcos 5 , 1 a 20.

Difícil acreditar que esta possibilidade de sofrer uma grave interferência na nossa saúde orgânica e espiritual possa acometer Crianças.

Somos levados a pensar que estes pequenos seres pouco viveram para criar condições tão desfavoráveis de vingança ou ódio que possam originar tão graves perseguições ou ainda mais que são protegidas por seus anjos de guarda (protetores, espíritos amigos) que evitariam tais aborrecimentos.

No entanto quando buscamos no Evangelho segundo o Espiritismo, cap.19 item 1 a 5 encontramos uma cura de Jesus de uma criança que caía no fogo e na água (epiléptica?) possuída por um demônio tão poderoso que não pode ser curada pelos apóstolos.(Mateus 17,14 a 20.) Será que tal influenciação apenas deve ser entendida no tempo do Cristo ou nos tempos modernos poderíamos perceber em diferentes graduações os mesmos fenômenos em nossas crianças? Além disso, para que as mesmas possam ser influenciadas por desencarnados elas devem possuir sensibilidade mediúnica, ou seja devemos considerar que uma criança possa ser médium?

No Livro dos Médiuns cap. XVIII 2a parte, Kardec nos fala dos inconvenientes de se desenvolver

a mediunidade nas crianças porque seus organismos fracos e delicados seriam muito abalados e sua jovem imaginação muito sobressaltada.

No entanto quando a faculdade mediúnica é espontânea numa criança é porque de alguma forma, ainda que isto nos assuste, está em sua natureza e sua constituição a isto se presta .Perguntado ainda sobre a melhor idade para o desenvolvimento da mediunidade, os espíritos nos dizem que não há idade precisa, dependendo do desenvolvimento moral muito mais do que o do físico. Exemplificando, jovens de 12 anos que possam ter esta capacidade mais desenvolvida que adultos(questões 6,7,8).

Kardec sabia muito bem desta possibilidade pois o seu próprio grupo de estudos era constituído das irmãs Caroline e Julie Baudin com 16 e 14 anos respectivamente, acrescido posteriormente da srta. Ermance Dufaux, médium psicógrafa desde os 14 anos e que será a médium da 2a edição dos Livro dos Espíritos com 1019 questões e que havia psicografado a “História de Joana D’arc,” ditada por ela mesma.

Lembramos do nosso querido Francisco Cândido Xavier que, aos 5 anos de idade, conversava com sua mãe desencarnada, de quem ouvia conselhos após as surras de sua madrasta. Ivone Pereira, aos 9 anos de idade, dialogava com Charles, seu mentor e antigo pai desencarnado; e nosso admirado Divaldo Franco conversava com seu amigo índio Jaguarçu desde os 5 anos de idade.

Será que somente estes médiuns famosos é que podem ver e ouvir os Espíritos? Será que nossos filhos e amigos que conversam com ami-

**Médico pediatra*



gos invisíveis não poderiam estar apresentando rudimentos de uma faculdade mediúnica que deverá ser futuramente polida e trabalhada adequadamente nas Casas Espíritas?

“Médium é todo aquele que sofre em um grau qualquer a influência dos Espíritos.”(O Livro dos Médiuns, item 159). Mas não se preocupa em pensarmos em que idade estes sintomas podem se iniciar. Bezerra de Menezes no livro Dramas da Obsessão nos narra o relato de Alcina, suicida que ingeriu veneno e que desde pequena apresentava sinais e sintomas de uma criança obsediada, vejamos: “desde o berço se destacar pela enfermidade, não desfrutara jamais de boa saúde. Sombria, odiosa, rodeada de complexos, reconhecendo-se desagradável a todos retraia-se de tudo e de todos... vivia apavorada, temendo as sombras, incapaz de penetrar sozinha qualquer cômodo da casa...após tais crises adoecia. Os médicos chamados a assisti-la diagnosticavam as mais disparatadas enfermidades: histeria, anemia profunda, alucinação por debilidades do sistema nervoso, verminose e infecção renal, quando, em verdade, o mal era psíquico e repousava em uma tremenda obsessão.(pág 37 e 38)

Diz-nos ainda o venerável médico dos pobres que a família toda era portadora de faculdades mediúnicas ignoradas e que o caso em questão era de uma obsessão coletiva simples.(pág.15).

Esta afirmação nos faz pensar

***Sintomas de obsessão em crianças:
agitação, terror noturno, mau rendimento
escolar, agressividade, medo, atritos com os
pais, sonambulismo, "amigos invisíveis"***



em uma outra questão muito importante: poderia uma criança estar sendo influenciada, quando, na verdade, o processo obsessivo que envolve vingança e ódio do passado é de responsabilidade de seus pais, e ela como um componente mais vulnerável da família, possa estar sendo envolvida indiretamente?

Acompanhamos, em nossa instituição espírita, em São Paulo - a União Espírita Francisco de Assis, 30 casos de crianças de 3 a 13 anos que estavam envolvidas em processos de influência espiritual (obsessão) e destas, 70% dos processos são de responsabilidades dos pais, 13 % apenas ligadas diretamente às crianças e 17% indeterminados. Toda a família recebe passes no trabalho de desobsessão de adultos e, as crianças, de uma equipe especial de médiuns passis-

tas que as atendem na evangelização infantil e que participarão como médiuns na desobsessão.

Muitas destas crianças eram portadoras dos seguintes sintomas: Insônia, agitação psicomotora, terror noturno, baixa concentração nos estudos, agressividade, medo, relacionamento difícil com os pais, sonambulismo, falavam com amigos invisíveis. Evidentemente, que, como médico pediatra, pude acompanhá-los e insisti em acompanhamento psicológico e neurológico para muitos deles, além de medicar com homeopatia e florais de Bach muitos de seus sintomas que eram tratados conjuntamente com a parte espiritual. Alguns já são adultos com 18 a 20 anos e trabalham mediunicamente em outras Casas Espíritas. Temos certeza que pudemos ajudá-los a enfrentar este momento difícil da eclosão mediúnica precoce associada aos processos de influência espiritual.

Encerramos com André Luiz “a obsessão é o flagelo germinado com a ignorância e somente a desobsessão poderá remover as trevas do espírito”.

A Família Espírita e a Adoção

**Marco Antonio P .dos Santos*

Dentre os inúmeros assuntos de interesse que podemos analisar sob da ótica espírita, a família é sempre um dos temas mais palpitantes.

Joanna de Ângelis nos esclarece que “a família não é somente foco de lutas e problemas, mas também fonte geradora de felicidade quando há entre todos os seus componentes a iluminação de princípios espirituais superiores.”

E quais seriam estes princípios superiores que transformariam as perspectivas da convivência familiar ?

Destacaríamos: a crença na existência de Deus e em sua sabedoria, justiça e misericórdia; a imortalidade da alma e a reencarnação.

Desta forma, temos a certeza de que a visão espírita de família se diferencia de todas as filosofias espiritualistas que não possuem uma

visão tão ampla da complexidade da relação familiar.

É neste contexto que gostaríamos de incluir o assunto adoção como um dos componentes do planejamento da família espírita moderna.

Histórico

Nasci em lar espírita com mais 4 irmãos biológicos na cidade de São Paulo. Crescemos, estudamos e nos formamos: duas irmãs professoras, um médico pediatra e um engenheiro civil. Ao lado desta família biológica, meus pais adotaram mais quatro filhos, que cresceram conosco e nos ensinaram muitas coisas.

Cada um de nós, quando foi constituir sua própria família, levou dentro do planejamento a semente da adoção. O resultado deste so-

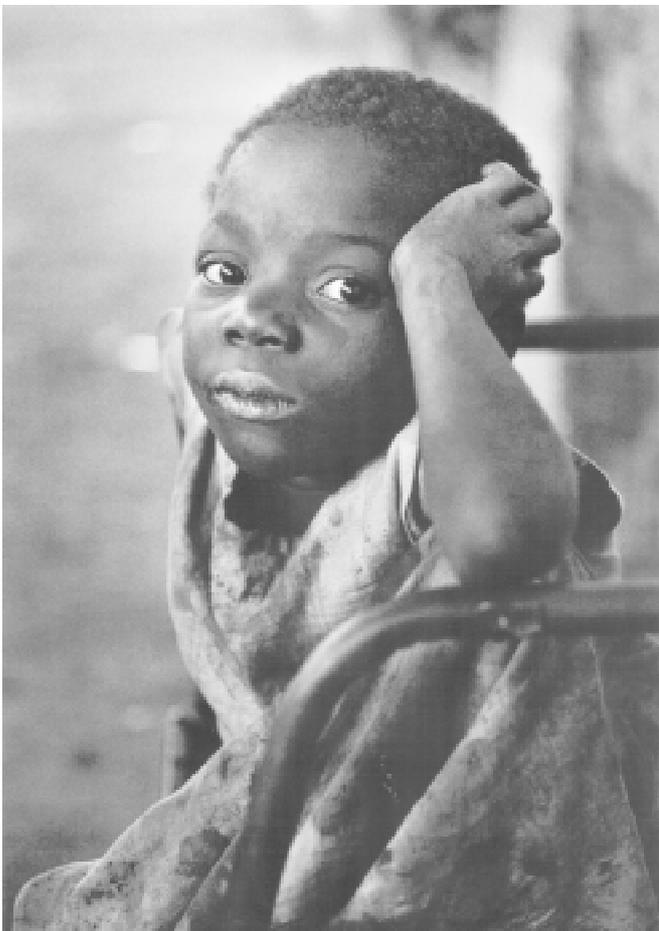
nho é hoje uma grande família com 9 filhos (2 biológicos e 7 adotivos).

Além disso, temos a oportunidade de pertencer ao Projeto Acalanto - que atua como grupo de apoio a famílias adotivas na cidade de São Paulo, e que está unido a uma grande rede em todo Brasil através da Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção.

A adoção é um bombom com recheio de amor e coberto com coragem

Este texto simples esconde grandes verdades, quando enfrentamos a decisão de trazermos para o nosso lar um filho do coração. Encontraremos grandes dificuldades dentro da própria família consanguínea que, muitas vezes, não compreenderá nosso gesto e trará dificuldades na aceitação de um novo elemento, principalmente se a criança não fôr recém-nascida e da mesma cor de pele da família adotante. Os preconceitos que estavam escondidos virão à tona e, para isto, é preciso muita união e paciência do casal adotante, além de firmeza nos propósitos e ideais espíritas. Isto sem falar nas dificuldades encontradas nas Varas de Infância e Juventude, quando procuramos legalizar nosso pedido formal de adoção: as entrevistas pelo assistente social e pela psicóloga, os papéis, a burocracia e a demora em todo processo legal.

Ao lado desses empecilhos, devemos destacar a alegria de podermos receber, em nosso lar, aquele samaritano caído na estrada, da parábola evangélica, adaptada aos tempos modernos. Podermos cuidar de suas feridas, alimentá-lo e depois criá-lo e educá-lo, dando a ele o nosso nome e uma nova chan-



**Médico pediatra
dr.marcosantos@bol.com.br*

ce de seguir na vida ao lado de nossa família.

Esta oportunidade de estender a mão e ajudar nosso irmão que sofre está muito bem relatada em O Evangelho segundo o Espiritismo, Capítulo XIII, item 18:

“Meus irmãos, amai os órfãos; se soubésseis como é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância!”

Sabemos que o Espírito é o ser inteligente da criação (LE questão 76) e que reencarna com a finalidade de reformar seu caráter e reprimir suas más tendências (LE questão 385). A infância é o período mais acessível para que a educação de novos princípios possa reeducar aquela alma que veio do espaço para progredir (L.E. questão 383).

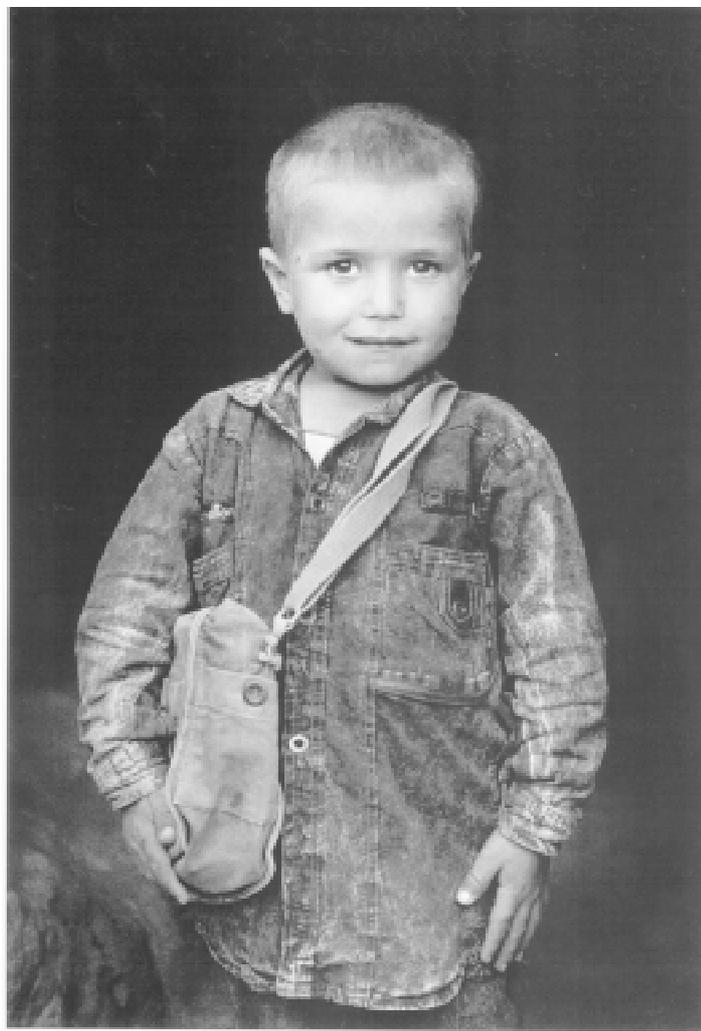
Quem poderia ajudar nossos irmãos abandonados nas ruas e orfanatos? Quem se encarregará de sua educação? Terão perdido a oportunidade da família biológica que os abandonou e estão condenados sem uma nova chance?

Acreditamos que a família espiritual é esta abençoada segunda chance, de amparar estes nossos irmãos, exemplificando a caridade que, muitas vezes, é apenas um trecho decorado em nossas orações, mas que nunca se materializa em atitudes concretas.

O Evangelho da Adoção nos diz à página 17: “Resgatar a criança carente do abandono, permitindo que suas virtudes inatas não sejam dilaceradas pelo materialismo social é tarefa urgente e que se impõe inadiável, e para a qual estão convocados todos os homens e mulheres de boa vontade, lutando sem tréguas para a vitória final, onde derrotaremos a injustiça social e a indiferença com o destino de milhões de crianças que o Cristo abençoa todos os dias.”

Projeto Acalanto

Em 1990, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adoles-



cente pelo Governo Federal, iniciou-se uma nova era na defesa dos direitos humanos de nossas crianças. Surgiram, então, entidades de direito civil sem fins lucrativos, que procuraram garantir direitos constitucionais para os menores abandonados como o direito a “uma família substituta” que garante o artigo 19.

Em dezembro de 1993, funda-se o Projeto Acalanto na cidade de São Paulo com as finalidades de:

1.-Prevenir o abandono através do programa de reestruturação familiar, procurando atenuar os fatores sócio-econômicos que levam ao abandono;

2.-Atender aos menores já abandonados, procurando estimular a tutela e a guarda para evitarmos a institucionalização das crianças e a ruptura definitiva de seus laços afetivos;

3.-Acompanhar famílias adotivas e adotantes procurando oferecer em nossa sede um espaço aberto para discussões, palestras e debates bem como de acompanhamento psicológico gratuito voluntário;

4.-Divulgação da prática da Adoção com a publicação do jornal Acalantando e a participação em entrevistas, reportagens e eventos que estimulem a formação de uma nova cultura de adoção em nosso país.

Através destes sete anos de atividades, auxiliamos 250 adoções, reestruturamos vinte e cinco famílias com o abandono evitado de setenta e oito crianças e adolescentes, buscando auxiliar as mães carentes procurando novas oportunidades de emprego e tratamento de saúde.

Bibliografia:

SOS FAMÍLIA - Divaldo Franco Joanna de Ângelis

O Livro dos Espíritos - Allan Kardec.

O Evangelho Segundo Espiritismo - Allan Kardec.

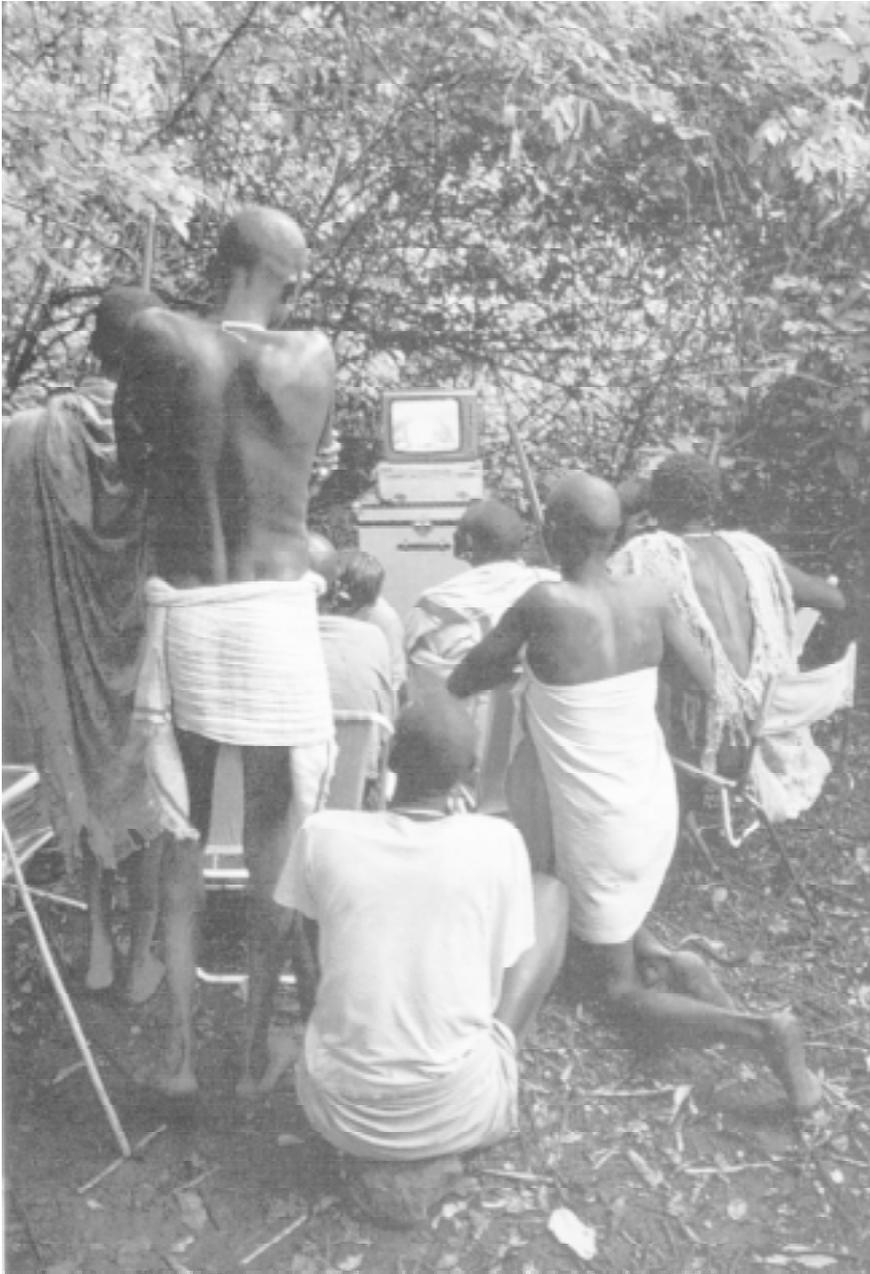
Evangelho da Adoção- Marco Antonio P. Santos

Email:

adoção@projetoacalanto.org.br

Família X Televisão: É possível conviver?

**Renata Gonçalves*



Tribo africana assiste televisão na selva

O desenvolvimento da televisão está ligado ao processo de transformação social. A comunicação de massa promoveu o final do isolamento entre as pessoas no mundo, gerando mudanças significativas na organização desta sociedade.

A tecnologia e as novas formas

de estrutura dos programas de tv prometem condições que farão a comunicação assemelhar-se cada vez mais a um diálogo. Os participantes terão a oportunidade de interferir no processo de produção do conteúdo. De receptor, passa-se a emissor.

Em suma, a televisão é prefe-

rência mundial, pautando comportamentos, divulgando culturas. Desde a sua criação, o espetáculo disponibilizado pelo veículo exerce fascínio sobre a população. Após décadas do momento em que o homem vislumbrou a primeira imagem televisiva, o veículo continua exercendo poderosa influência sobre o ser humano. No início deste novo milênio, podemos olhar a trajetória desta “fábrica de sonhos”, a televisão, e perceber que ela se fortalece como um meio que reflete e molda comportamentos, como também destrói ou reforça os laços sociais.

Invasão de Privacidade

A televisão está em todos os lares e é inevitável o convívio com ela, até porque as pessoas que nos rodeiam estão em constante contato com as mensagens da telinha, através de uma programação variada, como por exemplo a recente enxurrada de atrações tipo reality shows. Em relação à influência da televisão na vida familiar, é fundamental lembrar que, em muitas famílias, já não existem mais espaços para fala, nem mesmo tempo para ouvir. A sociedade vive presa em seu individualismo, em suas frustrações materialistas, em suas doenças morais. Como a pessoa precisa ser ouvida, precisa falar e não encontra espaço para o seu discurso, procura brechas para expressar a sua opinião. Os meios de comunicação, cientes desta realidade, aproveitaram para criar estes espaços para o público sedento de atenção. Logo, o espaço da mídia tornou-se espaço popular. Por exemplo, cerca de 500 mil pessoas inscreveram-se para participar da

**Jornalista*

primeira edição do Big Brother Brasil. É uma espécie de “suporte de reconhecimento” para a pessoa. Ela passa a ser importante quando é reconhecida pela mídia. No caso da televisão, existe a valorização da imagem. Assim, cada vez mais, o telespectador tem vontade de participar dos programas. Além da valorização do “eu”, o ser humano sente-se importante, parte integrante de uma sociedade que não tem espaços para a expressão completa de cada pessoa.

A banalização da programação reflete a banalização do cotidiano. É a cultura da exibição, o fetiche do sucesso. Vivemos a era da imagem, onde a televisão redesenha nosso rosto no espelho do mundo. Isso implica na crise, na agonia sem precedentes das relações na estrutura familiar.

Família X Mídia

Falar que a mídia influencia apenas de forma negativa o fundamento familiar, consequentemente a sociedade, é ser,

É fundamental que a família, com base no diálogo, estabeleça uma filtragem crítica daquilo que entra em sua casa através dos meios de comunicação

no mínimo, simplista. É fato que devido à briga pela audiência, pelo aumento de pontuação no Ibope, surgiu uma programação apelativa, onde a ética e o respeito pelo ser humano foram esquecidos. Milhares, talvez milhões de pessoas lutam por uma oportunidade de participar destes programas. Contudo, ainda encontramos a preocupação com a mensagem de cunho educativo. Selecionar os programas é também cultivar a qualidade de vida. Se o sucesso ou a fama for colocado como meta para a realização pessoal, podemos esperar uma frustração. Cabe aos educadores e, principalmente, aos pais reverter este conceito. Essa idéia é confirmada na questão 582, de O Livro dos Espíritos, onde a pa-

ternidade é colocada como uma missão, um dever muito grande.

A felicidade pessoal, a harmonia familiar consiste em sermos autênticos, comprometidos com nossos valores morais, onde o importante é ser reconhecido por aqueles que nos são próximos, pelas pessoas com as quais interagimos “na vida real”. A vida não é uma ficção, ela não dura apenas poucos minutos de aplausos, ela é muito mais que isso. Assim, é fundamental que a família tenha como base o diálogo, o sentimento crítico referente àquilo que entra em sua casa através dos meios de comunicação. De sua parte, a mídia seguirá em ritmo acelerado neste processo de interação com o seu público, criando desejos e necessidades, lutando pela audiência.



“Senhor, que quereis que eu faça”

*Cecília Rocha

Ainda ressoam em nossos ouvidos as palavras entusiasmadas dos participantes do IV Encontro Nacional de Diretores de DIJ, ocorrido no período de 26 a 28 de julho de 2002, em comemoração aos vinte e cinco anos de vigência da Campanha Permanente de Evangelização e Espírita Infanto-Juvenil, lançada, em nível nacional, em outubro de 1977 pela Federação Espírita Brasileira. Desde então, os esforços dos que se incumbem deste mister, têm sido redobrados,

pois que a força do entusiasmo e o acúmulo de novos estímulos que cercaram o lançamento da Campanha, impulsionaram prodigiosamente o seu crescimento, não só no aspecto quantitativo, mas, sobretudo, no qualitativo, propiciando a criação de novos grupos de evangelização infanto-juvenil, coordenados por pessoas convenientemente preparadas.

A interrogação formulada por Paulo — “Senhor, que quereis que eu faça”? — inserida na programação do “Encontro Nacio-

nal”; como tema central dos estudos, está a indicar que propósitos movem os educadores (evangelizadores) de hoje, quando se dispõem a intermediar a mensagem evangélica, proposta pelo Cristo, às novas gerações. É necessário consultar o Cristo, por meio da consciência e dos sentimentos, para saber o que fazer no mundo atual, com tão diversificados padrões de condutas, em favor do conhecimento e da vivência dos ensinamentos evangélicos, que representam, sem dúvida, o maior tesouro colocado à disposição da humanidade terrestre.

Efetivamente, quando alguém se dirige ao Cristo para saber do Mestre o que Ele quer que se faça, no desejo sincero de servir à Sua causa, estabelece, incontinentemente, um elo de ligação de tal solidez que vence qualquer obstáculo e derruba as maiores barreiras que pretendessem impedir essa marcha progressiva para o bem.

Quando, realmente, alguém quer seguir o Cristo, tal como desejou Paulo, pergunta-Lhe o que fazer, entregando-se com fé e determinação às sugestões superiores que, por certo, nos libertarão, para sempre, do círculo acanhado de experiências improdutivas.

A evangelização espírita, tal como a entendem os Espíritos dela incumbidos, se propõe a atingir o cerne dos sentimentos, operando aí transformações profundas no modo de sentir e de agir dos indivíduos. Estes sentem e agem, não porque alguém lhes tenha dito como proceder, mas, porque experimentam a necessidade e o prazer de assim proceder.

*Professora
Vice-Presidente da FEB



No momento mesmo da sua conversão, o corajoso apóstolo se colocou incondicionalmente ao serviço do Cristo. ("A Conversão de São Paulo", de Hildesheim, século XV).



As multidões ignorantes e sofredoras são o campo de trabalho do convertido cristão

Movido pela fé, impulsionado pela certeza de suas convicções, o indivíduo se põe a serviço do Cristo, na condição do apóstolo Paulo, aguardando do Senhor o plano de trabalho, sem personalismo, sem exigência de qualquer natureza, convencido de que lhe cabe colaborar, incondicionalmente, com os planos divinos na redenção da humanidade.

Tal postura não fica circunscrita ao discurso, mas, ao contrário, salienta-se na vivência diuturna dos compromissos livremente assumidos.

Considerando a assertiva de Paulo, torna-se incompreensível nossa posição vacilante perante as dificuldades naturais que envolvem os grandes cometimentos evangélicos! Como considerar pequenos contratemplos, como

relacionar empecilhos contornáveis, como alegar impossibilidades que só existem em nossa mente, para não votar dedicação integral à nossa própria evangelização e à do nosso próximo? Como atingir a felicidade plena sem a plena dedicação? Como implantar amor no coração do próximo sem cultivá-lo no próprio coração?

Duas são, pois, as decisões fundamentais do convertido, como no-las exemplificou Paulo de Tarso: viver os ensinamentos do Cristo e transmiti-los, com muito amor, à humanidade ignorante e sofredora.

Nesse contexto, cabem, ainda, muitas perguntas, cujas respostas estão no íntimo de nossas almas, nas profundezas de nossos sentimentos, aguardando maior ama-

ducimento nosso, para virem à tona e serem expressas com palavras que convencem pela força da fé de que estão revertidas.

É necessário acreditar na excelência dos objetivos entrevistados por nós no programa do Cristo. Sem a certeza de que é o melhor programa para as nossas vidas, por certo, não lograremos êxito nas tarefas que nos chegam às mãos por mercê divina. Com a mente voltada somente para interesses imediatos, não conseguiremos vencer os obstáculos que, comumente, se antepõem às grandes obras.

E o amor é a maior obra do indivíduo, tanto como homem singular, tanto como cidadão integrado no extraordinário cenário do Cosmo Universal...

As decisões fundamentais do convertido, conforme Paulo: viver os ensinamentos do Cristo e transmiti-los à humanidade ignorante e sofredora

Família e Escola: A Busca por uma Interação

**Gladis Pedersen de Oliveira*

A escola deve ser, para a criança e o jovem, o elo de ligação entre o lar e o mundo que eles vão enfrentar. Seria ideal que houvesse uma interação real entre a família, a escola e a vida.

A escola não pode ser um espaço à parte da realidade do aluno, nem ser distanciada da vida que o cerca.

Amélia Rodrigues (1) nos apresenta a seguinte reflexão: “A criança – argila frágil, base de toda a construção social – é, antes de tudo, uma copiadora. E é nesse particular que se avulta o valor da Escola. Ela não é apenas um templo dedicado à instrução. É um altar para o culto da educação, é um santuário para o amor.

Abram-se as escolas e o crime

fugirá da Terra.

Em todos os tempos, a escola tem sido a forma mais poderosa que o mundo conhece fazendo campanha contra a ignorância, o maior adversário do espírito humano.

No sentido positivo, edificando educa, no sentido negativo, danificando o caráter. Educa-se, pois, bem ou mal, segundo as próprias possibilidades.”

Os professores necessitam adequar sua proposta docente à vertiginosa mudança que ocorre no conhecimento humano; precisam atualizar-se constantemente. Alguns ainda permanecem informados por pesquisas científicas mais recentes.

Na escola, o conhecimento é apresentado didaticamente, compartmentado em componentes curriculares estanques. Por mais que se apregoe a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade no planejamento das atividades docentes, na realidade, por falta de preparo adequado e de novas informações, grande número de professores trabalham de forma isolada, dentro do enfoque exclusivo de seu componente curricular. O ensino universitário, acadêmico, que prepara os professores, reflete, também, o distanciamento da vida real. Os paradigmas em que se apóia o “co-

nhecimento científico oficial” já estão superados pelas novas conquistas e conclusões científicas atuais, mas esse novo enfoque ainda não foi totalmente absorvido nas instituições educacionais do 3º grau que, em alguns aspectos, continuam formando professores num padrão semelhante de há 30 ou 40 anos. Os professores chegam à prática docente despreparados para enfrentar uma realidade social, cultural, familiar que desconhecem. Trazem pronto um modelo que, na maioria das vezes, é inadequado e ineficiente no desempenho de sua atividade didática.

A “leitura de mundo” feita pelo professor em cujo marco situa o ensino do conteúdo, não deve excluir as outras “leituras de mundo” diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela, trazidas pela vivências dos alunos e verbalizadas por eles, possibilitando o desenvolvimento de pessoas críticas, indagadoras, interessadas no conteúdo que passa a ter significado para eles (2).

A relação de diálogo em sala de aula aprofunda o ato de ensinar – por parte do professor, e o ato de aprender – por parte do aluno. As aulas não deveriam ser verticais, do professor para o aluno, mas horizontais, numa relação igualitária, de amor, respeito e diálogo entre os componentes do grupo (3).

Os outros “saberes” e “habilidades” que os alunos já adquiriram na família, na rua, na instituição religiosa, enfim, a experiência de vida que eles já possuem não são, muitas vezes, considerados no espaço escolar. No entanto, deve se levar em conta que o aluno constrói, a partir de suas atividades cotidianas, o sistema teórico dessas práticas, ou seja, a construção permanente

**Pedagoga - Especialista em Educação*



do saber.

Na prática, é comum considerar transformáveis em saber as experiências de um tipo particular de conhecimento, idealizado, fora da realidade. Muitas vezes, o aluno fica deslocado, na escola, como se estivesse num mundo irreal.

O meio social é eminentemente educativo, tanto de forma positiva como negativa.

A criança proveniente de uma situação familiar carente vive experiências de enorme complexidade; é mais propensa à inversão de soluções em função da luta que empreende para sobreviver.

No entanto, uma criança de classe média ou alta, pela ausência de problemas por resolver, só repete respostas já conhecidas em seu meio familiar.

O professor deve oferecer possibilidade de análise destas falas e ações dos alunos, fazendo com que eles reflitam sobre suas próprias experiências de vida, sobre seus próprios conhecimentos e sobre o que se faz.

Outro problema que envolve o processo oficial de aprendizagem é a questão da avaliação do aluno em relação ao conhecimento ministrado. Ainda prevalece a valorização da instrução e da área cognitiva, intelectual versus o potencial interno do educando, a sua dimensão emocional, psicológica e espiritual.

As “provas” e “testes” continuam na escola. A criança ou jovem têm que provar que sabe o conteúdo que foi ministrado em sala de aula, bem dentro da linha tão combativa pelo eminente educador brasileiro Paulo Freire (3) da “educação bancária”, na qual, o conteúdo “depositado” pelo mestre na mente do discípulo deve ser devolvido na “prova”. Esta tem sido uma prática de exclusão dos alunos das escolas, promove a evasão e a reprovação, a baixa auto-estima do aluno, pois o mesmo é rotulado de incompetente, incapaz, inferior.

Segundo Bezerra de Menezes

O meio social é eminentemente educativo, tanto de forma positiva como negativa

(4): “os malfeitores confessos são em verdade a caricatura dos sentimentos infelizes com que a sociedade relegou a criança ao supremo abandono.”

Sobre esse enfoque, Amélia Rodrigues (5) afirma: “O homem será o que de sua infância se faça. A criança incompreendida resulta no jovem revoltado e este assume a posição de homem traumatizado, violento.

Quem instrui, oferece meios para que a mente alargue a compreensão das coisas e entenda a vida.

Quem educa, cria valores ético-culturais para uma vivência nobre e ditosa.

Quem evangeliza, liberta para a vida feliz.”

Cabe ao professor alavancar o processo de mudança para melhorar a vida familiar e social. No entanto, muitos têm estimulado a permanência do “status quo” que emperra o avanço e a aplicação do conhecimento humano atualizado, que deve ser posto à disposição para promover e libertar o aluno da ignorância.

É comum a escola culpar a família pelo insucesso do aluno e essa culpa a escola, num círculo vicioso. Raramente se busca um discurso aberto, o consenso, o planejamento participativo, em que todos os envolvidos com o aluno e ele próprio, possam encontrar caminhos mais adequados para que o mesmo tenha condições de crescer harmonicamente em todas as dimensões do seu ser integral, num ambiente escolar favorável ao desabrochar de todas as suas potencialidades.

Joanna de Ángelis (6) destaca: “A instrução é o setor da educação na qual os valores do intelecto encontram necessário cultivo.

... No lar assentam os alicerces

legítimos da educação, que se transladam para a escola que tem a finalidade de continuar aquele mister de par com a contribuição intelectual, as experiências sociais...

O lar constrói o homem.
A escola firma o cidadão.”

André Luiz se reporta ao assunto em foco, conclamando:

“Pais e educadores! Se o lar deve entrosar-se com a escola, o culto do Evangelho em casa deve unir-se à matéria lecionada em classe na iluminação da mente em trânsito para as esferas superiores da vida.” (7)

Naturalmente, precisa ocorrer uma articulação maior entre a família e a escola, os pais e os professores, com o objetivo de beneficiar o educando.

Falta ainda ao sistema educacional vigente uma ampla visão de futuro, de transcendência, uma reflexão em torno das questões: - que mundo aguardará o aluno amanhã? - que programas e métodos pedagógicos serão mais adequados para prepará-lo para a vida? - Qual a contribuição da família nesse processo? - Que tipo de homem vamos formar para o amanhã?

A avaliação deve permear todas as atividades escolares e não só “medir” o conhecimento do aluno, mas também analisar a utilidade e atualidade dos componentes curriculares, os métodos pedagógicos utilizados, o desempenho dos professores em sala de aula, a participação da família, a filosofia da escola, etc...

Jan Amós Comenius, em 1631, na Didática Magna, destacava os seguintes princípios:

“I – Deve se estudar apenas o que tenha inquestionável utili-

dade nesta vida e na futura, aliás, sobretudo na futura...;

II – Se houver necessidade (como de fato há) de dar aos jovens noções sobre coisas úteis também para esta vida que sejam tais que não obstem à vida eterna e que produzam sólidos frutos na vida presente.”

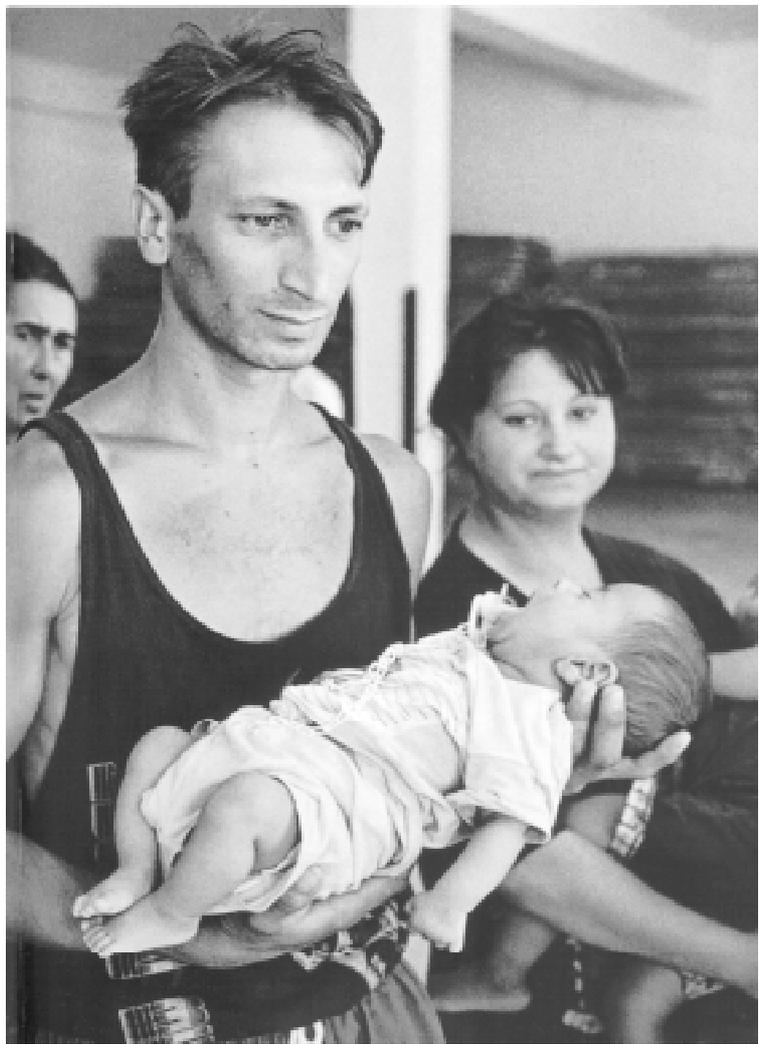
A escola não deve ser considerada como um “depósito” de alunos como muitos pais supõem. Matriculam os filhos na escola, garantem a vaga e se desobrigam de uma participação mais efetiva. Muitos retornam somente no final do ano letivo quanto o filho já está “reprovado”.

Poucos pais acorrem à reunião de “Pais e Mestres”. A escola chama, mas a maioria não comparece: falta conscientização sobre a importância desta parceria. Os pais responsáveis, em menor número, estão sempre presentes, opinam, contestam, colaboram e ajudam a escola a crescer. Estes estão conscientes de que o lar é a primeira escola e os pais são os primeiros educadores do espírito reencarnado. Quem educa, disciplina, corrige e repara incessantemente, traça as linhas do caráter e não abandona este processo, mesmo quando o filho vai para a escola. Permanece atento, se vincula à instituição escolar, colaborando, consciente de que o professor instrui, ensina, transmite, orienta.

Para estes pais a escola é a extensão do lar.

No futuro, teremos um complexo sistema educacional capaz de abranger e apoiar todas as crianças para um trabalho em conjunto com a família, desenvolvendo o equilíbrio que induz à auto-estima e ao respeito pelos semelhantes (8).

Vale a pena o esforço de dar atenção redobrada para essa fase mais importante da formação da personalidade da criança e do jovem. Somar esforços - lar e escola



Os pais são os primeiros educadores do espírito reencarnado

- para oferecer melhores condições de aprendizagem positiva, só trará felicidade e paz ao mundo futuro.

A influência e as impressões que mais se refletem e se fixam no caráter das crianças são as dos pais, conforme afirma velho provérbio: “Casa de pais, escola de

filhos.” Os pais, em matéria de educação dos filhos, não devem esperar tudo só da ação dos professores mas sim co-adjuvá-los e facilitar-lhes a ação educadora, pois erram extraordinariamente contra todos os princípios aqueles que assim não o fizeram (9).

Bibliografia:

- 1 . Franco, Divaldo Pereira - Sementeira de Fraternidade - 2ª ed. LEAL, Salvador-BA, 1978 - p.209
- 2 . Freire, Paulo - Pedagogia da Esperança - Ed. Paz e Terra, 1997, p.112/113
- 3 . Idem - Pedagogia do Oprimido - Ed. Paz e Terra, 1974, p.66
- 4 . Xavier, Francisco Cândido - Sinais de Rumo, Ed. FEB, p.26
- 5 . Franco, Divaldo Pereira - Terapêutica de Emergência, ed. LEAL, Salvador-BA, 1983, p.21/25
- 6 . Idem - Estudos Espíritos - 6ª ed., RJ 1995, p.169/171
- 7 . Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo - O Espírito da Verdade, 3ª ed. FEB, RJ 1997, p.47
- 8 . Carvalho, Marcos Calmon de - Terceiro Milênio, DLP 1999, SP, p.62
- 9 . Peixoto, Vicente - Educação Espírita - Edicel, ano 2, nº2, 1972

Conflitos intra-familiares

**Nelso Gonçalves*

- *“Eu sou um pai moderno.”*

Falava aquele senhor de cabelos grisalhos, ao seu amigo, sentado a seu lado no ônibus lotação à minha frente. Aquela fala, tipo desabafo, despertou minha atenção e, sem querer ser bisbilhoteiro, mas, já sendo, prestei atenção no que eles conversavam.

Continuando sua fala disse:

- *“Não entendo, por mais que eu dê aquilo que meus filhos me pedem, eles não ficam satisfeitos. Vivem reclamando. E como se não bastasse, minha esposa fica continuamente reclamando da vida, de tudo e de todos. Meu lar é um pandemônio.”*

Os dois amigos levantaram-se e desceram do lotação conversando sobre suas dificuldades familiares e... seguiram para a vida.

A jovem que estava sentada ao meu lado, me olhou sorrindo e dis-

se:

- *“O senhor prestou atenção em tudo o que eles falavam. Não foi?”*

Sem deixar tempo para a minha resposta, continuou dizendo:

“Toda família é igualzinha. Os pais sempre reclamando de que dão tudo para seus filhos e os filhos sempre carentes daquilo que mais desejam e que raramente recebem.”

Devo ter feito uma cara de espanto, pois ela confirmou:

- *“O que nós, os filhos, queremos e estamos carentes é da presença de nossos pais.”*

Falei, então, pela primeira vez, meio espantado:

- *“Tempo?”*

Ela respondeu:

- *“Somos carentes de atenção, do olhar de carinho explícito... sabe como é... abraços, beijos,*

afagos, uma mão amiga e porque não dizer de conselhos, da palavra amiga, que alerta mas não proíbe, que educa como quem diz: somos teus pais, parceiros mais velhos nessa viagem, que se chama vida.”

Os amigos leitores podem imaginar a minha surpresa de escutar palavras tão ponderadas, vindas de uma jovem adolescente (olha meu preconceito querendo mostrar as garras). Voltei a “terra” quando escutei ela dizer, enquanto levantava do banco:

- *“Foi um prazer falar com o senhor; “tio”.*

Deu um sorriso lindo e se foi corredor do lotação a fora para o movimento da avenida.. Fiquei me perguntando, se aquela conversa, - ou seria monólogo? Tinha sido um sonho ou realidade. Mas... pensando bem deixa para lá. O significativo é que essa jovem tocou num ponto nevrálgico da gênese da maioria dos motivos que “geram” os conflitos familiares.

A dinâmica familiar sofre transformações contínuas e não poderia ser de outra maneira, pois o progresso é Lei Divina e ninguém progride sem se modificar. Porém, o que menos gostamos é da mudança e por isso tomamos, no enfrentamento dos conflitos intra-familiares, atitudes estereotipadas, equivocadas e radicais.

A sociedade hodierna necessita estabelecer um diálogo aberto, franco, sobre as transformações que estão acontecendo, numa velocidade alucinante, na configuração familiar e estabelecer, através do diálogo; metas psico-sócio-pedagógicas, onde se privilegie a escuta real do outro, como companheiro de viagem rumo à perfeição factível.

Gibran Khalil Gibran explicita

**Acadêmico de psicologia*



A necessidade fundamental dos filhos é carinho e atenção dos pais

esse pensamento de uma forma poética magistral quando escreve: “ Vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma. Vêm através de vós, mas não de vós e, embora vivam convosco, não vos pertencem. Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos. Porque eles têm seus próprios pensamentos. Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas. (...)”

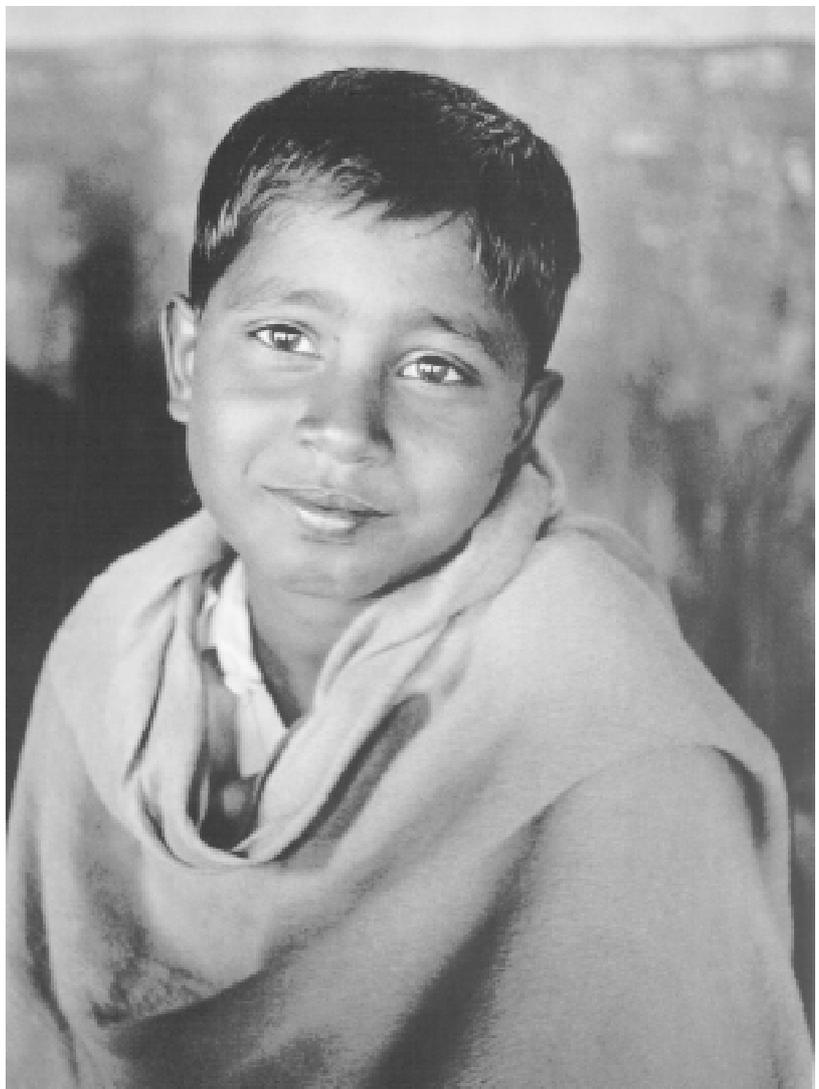
Somos, portanto, companheiros de viagem. E os pais têm uma tarefa impostergável de educarem seus filhos para a vida. Vejamos o que nos diz a Doutrina Espírita (LE questão 385) sobre isso: (...) “ os Espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a debilidade dos primeiros anos os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir.” (...)

Dizendo de uma outra maneira. Nossos filhos (Espíritos) são plantas de Deus. Os pais têm a tarefa de educá-los, preparando a terra, antes e depois da semente ser lançada, numa maternidade / paternidade consciente. Não existe condições dos pais afirmarem (questão 583 de O Livro dos Espíritos) que ali vai desabrochar uma frondosa castanheira ou um belo arbusto.

Dessa forma, há que se labutar, cuidar da terra, retirar o inço, dar continência e... deixar a “planta de Deus” seguir seu caminho na aquisição da autonomia, aprendendo a utilizar-se do livre arbítrio.

Devemos em conjunto, no âmbito familiar, aprender a trabalhar os limites, as frustrações que a escola da vida nos apresenta a todo o momento, não confundindo estrutura com rigidez familiar.

A estrutura protege a criança, o adolescente, todos na família para que cada um a seu modo possa realizar-se de acordo com suas necessidades evolutivas. A rigidez



Nossos filhos não são "nossos" filhos, mas sim espíritos criados por Deus, os quais o Pai nos confia para auxiliarmos na sua evolução

busca o domínio, obsidía, pois tenta colocar os integrantes dessa célula base dentro de um molde de acordo com a vontade dominadora, e por isso enferma, como se as pessoas dentro desse ambiente familiar não possuíssem livre arbítrio.

A partir desses embates, se estabelecem os conflitos, as discussões, os sofrimentos intra-familiares. Devemos entender o conflito como um estranhamento em relação à diferença, nos convidando a aprender a viver com a diferença. Não podemos esquecer que temos algo em comum (parafrazeando aquela propaganda). Somos filhos de Deus e, portanto, irmãos. Pais, filhos, esposo, esposa, são posições que ocupamos, temporariamente, nessa escola de vida chamada família, uns aprendendo com os outros.

É no convívio familiar, utilizando-se do diálogo fraterno, vivendo

papéis distintos, mas mutuamente vinculados, de pais, mães ou filhos, que aprenderemos a nos portar como irmãos, aceitando e respeitando as diferenças instituídas através do estágio evolutivo de cada um de nós.

Encerro esse artigo com um alerta, que julgo oportuno. Os mesmos cuidados indispensáveis ao desenvolvimento de uma criança, nos primeiros anos de vida, podem obstaculizar sua educação em anos posteriores. É indispensável que uma mãe, ou pai, conduza pela mão seu filho, de 5 anos, ao atravessar uma rua. A repetição desse ato quando ela tiver 15 anos será um agente obstaculizador de sua autonomia. Há que deixá-lo com suficiente liberdade para que possa aprender com sua própria experiência a utilizar adequadamente o seu livre arbítrio.